

A GEOGRAFIA DA SEMI-ARIDEZ NORDESTINA E A MPB

Rui Ribeiro de Campos

Mestre em Educação pela PUC-Campinas, Doutor em Geografia pela UNESP – campus de Rio Claro e professor de Epistemologia da Geografia, Pensamento Geográfico Brasileiro e Geografia Política, na Faculdade de Geografia, da PUC-Campinas.
profrucampos@yahoo.com.br

Artigo recebido em 06/03/2006 e aceito para publicação em 03/10/2006

RESUMO: *O artigo faz um panorama dos climas da região Nordeste do Brasil, com destaque para o clima tropical semi-árido do interior da região. Procura explicar as razões deste clima e algumas das manifestações regionais ligadas a ele. No processo, destaca algumas letras da Música Popular Brasileira (MPB) para serem utilizadas, em análises geográficas da área, nos ensinamentos fundamental e médio. Destaca também alguns aspectos da região baiana denominada Raso da Catarina, na qual o clima se aproxima do árido.*

Palavras-chave: clima tropical semi-árido – Região Nordeste – Geografia – MPB – Raso da Catarina.

ABSTRACT: *The article presents a wide view of the weather in the Brazilian Northeast region; emphasizing the tropical grassland climate in the countryside of the region. It explains the reasons for having this climate and the behaviors linked to it. It also calls the attention to some lyrics of the Brazilian pop music that can be used for teaching elementary and high school students. It also highlights some aspects of the Bahia region called “Raso da Catarina”, which climate is close to the arid.*

Keywords: *climate tropical grassland – Brazilian Northeast region – Geography – MPB – “Raso da Catarina”.*

Em razão de sua importância, por ser o Sertão Nordestino o local onde a água da chuva é mais rara em boa parte da região, as manifestações musicais ligadas à água são em número bastante alto. Pela sua ausência em grande parte do ano, a água acabou tornando-se mais presente em letras de canções da região. São muitas as canções referentes ao tema em questão, o que significa que várias ficarão fora deste texto. Entretanto, as letras aqui citadas são as de música de massa, aquela infundida pelas gravadoras e pelos meios de comunicação. Apesar de ser um produto da indústria cultural, a música pode ser um auxílio para o desenvolvimento da compreensão de determinado

assunto e um importante recurso de análise crítica. Não substituí o conteúdo, mas pode ser um instrumento para o estudo de determinadas afirmações e para discutir as visões de mundo existentes. Permite, ainda, sensibilizar os alunos para o problema, possibilitar a audição de músicas diferentes das impostas atualmente aos ouvidos e demonstrar uma riqueza cultural brasileira.

A região Nordeste é muito rica do ponto de vista musical. A diversidade regional ajuda a explicar este fato. As referências a esta área também são em grande quantidade. Há diversas músicas com letras relacionadas principalmente ao Sertão. No

imaginário brasileiro, é a seca e a pobreza, causada pela primeira, que identificam o Nordeste. Uma visão limitada, mas que facilita o encontro de letras com referências a esta região. A partir do final da década de 1940, com a afirmação nacional do baião pela voz de Luiz Gonzaga (1912-1989), ritmos nordestinos e a visão da semi-aridez como o problema fundamental, se espalharam pelos cantos do território brasileiro. Seu cântico das terras secas – uma música quase telúrica – e o orgulho ferido do sertanejo pela postura federal, tornaram sua voz, seu linguajar e sua sanfona famosos. Luiz Gonzaga difundiu o baião – inspirado no dedilhar de modos de viola de cantadores e repentistas chamado de *baiano* e já conhecido no fim do século XIX – e também xaxado, xote nordestino, toada, cocos e forró, além do acordeon, zabumba e triângulo.

A situação do Sertão Nordestino acabou por criar uma cultura e uma linguagem regionais. Mas esta situação foi dada para o restante do país no que possuía de sazonal – as secas que abatem sobre a região – e como se fosse um problema de toda a região Nordeste. Foram criados no restante do país mitos e termos discriminatórios sobre a região, principalmente por tratá-la como um todo. Exemplifica este fato a música *Pau-de-Arara*, composta por Carlos Lyra e Vinicius de Moraes, feita para a comédia musical *Pobre menina rica*, cujo show foi montado de 1960 a 1963, e que teve a sua primeira gravação em disco em 1964, na voz de Catulo de Paula e que passou despercebida. No ano seguinte, foi gravada ao vivo por Ary Toledo em compacto simples (Fermata) e obteve um grande sucesso.

No entanto, esta letra permite tratar do tema: migração nordestina. Aqui pau-de-arara é o próprio nordestino e também o caminhão que trazia o pessoal daquela região para o Sudeste, fato que

deu origem ao termo, inclusive pelas precárias condições de quem se aventurava a fazer a viagem. Mas esta música permite tratar o tema, pois ele veio por causa da seca, como se ela fosse a causa básica ou a única. Trata também de uma questão que no passado chegou a ser significativa para quem vivia na rua: cometer alguma pequena infração para comer na cadeia. E de um fato ainda significativo e existente: a vontade de voltar para sua terra natal e a necessidade que todos temos de ter uma identidade, principalmente quando se sente um desterrado, um desterritorializado.

O sentimento de perda, ao sair do Sertão, era refletido nas letras de algumas músicas em várias dimensões como “*espaço-físico: o riacho, o açude; espaço-tempo: o dia de festa, as horas da noite de lua cheia; as relações: amigos, parentes, irmãos, pais, avós, o padre, o soldado, o prefeito.*” (SAMPAIO, 1999, p. 57). Ainda que aplicado ao Ceará, o texto a seguir, de Fenelon Almeida, ilustrava um pouco a situação:

Naqueles tempos – 1937 – mais que hoje, principalmente entre os habitantes das capitais do sul, corria a versão de que o Ceará era o centro geográfico das secas. E os cearenses ostentavam, pra eles, a triste fama de serem “os habitantes do coração do Nordeste seco”. Havia até quem pensava – e afirmava, o que é mais grave – que era “a predestinação de uma raça”. A “raça” era a dos chamados “cabeças chatas”. A predestinação era sofrer irremissivelmente os efeitos implacáveis da seca. O Ceará era sinônimo de Saara, de seca, de miséria, de fome e de morte. Conseguiam ver até a forma de um coração no mapa do Ceará – “o coração das secas”. (apud SAMPAIO, 1999, p. 63; grifos do autor)

PAU-DE-ARARA (Carlos Lyra/Vinicius de Moraes)

Eu um dia/ Cansado que tava/ Da fome que eu tinha/ Eu num tinha nada/ Que fome que eu tinha/ Que seca danada no meu Ceará/ Eu peguei/ E juntei o restinho de coisa/ Que eu tinha/ Duas calça velha/ Uma violinha/ E num pau-de-arara/ Toquei para cá/ E de noite eu ficava na praia de Copacabana/ Zanzando na praia de Copacabana/ Dançando o xaxado/ Pras moças oiá/ Virge Santa/ Que a fome era tanta/ Que nem voz eu tinha/ Meu Deus, quanta moça/ Que fome que eu tinha/ Que seca danada no meu Ceará.

(Foi aí que eu resolvi a comer gilete. Tinha um compadre meu, lá de Quixeramobim, que ganhou um dinheirão comendo gilete na praia de Copacabana. De dia ele ia de casa em casa pedindo gilete velha e de noite ele comia aquilo tudinho pro pessoal ver. Eu num sei não, Elis, mas eu acho que ele comeu tanto, que quando eu cheguei lá na praia aquele pessoal já tava até com indigestão, de tanto ver o camarada comer gilete. Uma vez eu tava com tanta fome que falei assim prum moço que ia passando: – Decente, deixa eu comê uma giletizinha, pra vóis mecê vê? Então ele me respondeu: – Sai pra lá, Pau-de-arara. Tu não te manca, não? – Ô, distinto, só uma, que eu num comi nadinha inda hoje! – Tu enche, hein, Pau-de-arara? Aquilo me deixou tão aperrado, que se num fosse o amor que eu tinha na minha violinha, eu tinha rebentado ela na cabeça daquele pai-d'égua!)

Puxa vida/ Não tinha uma vida/ Pior do que a minha/ Que vida danada/ Que fome que eu tinha/ Zanzando na praia/ Pra lá e pra cá./ Quando eu via/ Toda aquela gente/ Num come que come/ Eu juro que tinha/ Saudade da fome/ Da fome que eu tinha/ No meu Ceará/ E daí eu pegava e cantava/ E dançava o xaxado/ E só conseguia:/ Porque no xaxado/ A gente só pode mesmo se arrastá/ Virge Santa/ Que a fome era tanta/ Que intê parecia/ Que mesmo xaxando/ Meu corpo subia/ Igual se tivesse/ Querendo voar.

(Às vez a fome era tanta, que vorta e meia a gente arrumava uma briguinha pra ir comer a bóia no xadrez. Êta, quentinho bom na barriga! Mas, com perdão da palavra, a gente divorvia tudo dispois, porque a bóia já vinha estragada ... Mas enquanto ela ficava ali dentro da barriga – quietinha! ... – que felicidade! Não, mas agora as coisa tão miorando, tão miorando. Tem uma senhora muito bondosa lá no Leblon, que gosta muito de ver eu comer caco de vrido. Isso é que é bondade da boa! Com isso, eu já juntei assim uns 500 mil réis. Quando eu tiver mais um pouquinho, vou simbora, vorto pro meu Ceará.)

Vou simbora pro meu Ceará/ Porque lá tenho um nome/ E aqui num sou nada/ Sou só Zé com fome/ Sou só pau-de-arara/ Nem sei mais cantá/ Vou picar minha mula/ Vou antes que tudo rebente/ Porque tô achando/ Que o tempo tá quente/ Pior de que anda/ Num pode ficá

[Gravação disponível no fascículo 28 da *História da Música Popular Brasileira* – Carlos Lyra – São Paulo: Abril, 1971, lado 1, faixa 1 e no LP *Ary Toledo Ao Vivo*: Fermata, 1969, lado B, faixa 01]

Toda esta situação ajuda a explicar algumas letras que pregavam a separação da região Nordeste, embora isto fosse um desejo maior do sul do país, que colocava na área a causa de nosso subdesenvolvimento e a mesma como uma sugadora de recursos do país, fatos que não se comprovam.

A música *Nordeste Independente*, por exemplo, embora proibida de ter execução pública por pregar o separatismo, iniciava-se com a explicação de que era somente uma brincadeira. Mas este desejo não era brincadeira de alguns, em suas tentativas separatistas.

NORDESTE INDEPENDENTE (*Imagine o Brasil*) (Bráulio Tavares/Ivanildo Vila Nova)

[Os políticos, os homens do poder, esses que deveriam resolver, se empenhar e solucionar os problemas sérios e definitivos do país, eles permanecem em Brasília, nos gabinetes. Quando se aproxima o ano das eleições, eles saem de Brasília, eles pegam o avião, vão lá no Nordeste, sobrevoam a região, se certificam que há seca realmente no Nordeste. E entra ano sai ano, o Sertão continua ao Deus dará. Então, diante dessas circunstâncias todas, é que o poeta popular já tá fazendo música, coisas engraçadas evidentemente. É mais ou menos assim: imagine o Brasil ser dividido e o Nordeste ficar independente.]

Já que existe no Sul esse conceito/ Que o Nordeste é ruim, seco e ingrato./ Já que existe a separação de fato,/ É preciso torná-la de direito./ Quando um dia qualquer isso for feito/ Todos dois vão lucrar imensamente/ Começando uma vida diferente/ Da que a gente até hoje tem vivido./ Imagine o Brasil ser dividido/ E o Nordeste ficar independente. Dividindo a partir de Salvador/ O Nordeste seria outro país/ Vigoroso, leal, rico e feliz/ Sem dever a ninguém no exterior./ Jangadeiro seria o senador/ O cassado-da-roça era o suplente/ Cantador-de-violão o presidente/ E o vaqueiro era o líder do partido./ Imagine o Brasil ser dividido/ E o Nordeste ficar independente.

Em Recife o distrito industrial/ O idioma ia ser “nordestinense”/ A bandeira, de renda cearense/ “Asa Branca” era o hino nacional/ O folheto era o símbolo oficial/ A moeda, o tostão de antigamente/ Conselheiro seria o inconfidente/ Lampião, o herói esquecido/ Imagine o Brasil ser dividido/ E o Nordeste ficar independente.

O Brasil vai ter de importar/ Do Nordeste algodão, cana e caju./ Carnaúba, laranja, babaçu, Abacaxi e o sal de cozinhar./ O arroz, o agave do lugar, O petróleo, a cebola, a aguardente./ O Nordeste é auto-suficiente./ O seu lucro seria garantido./ Imagine o Brasil ser dividido/ E o Nordeste ficar independente.

Se isso aí se tornar realidade/ E alguém do Brasil nos visitar/ Nesse nosso país vai encontrar/ Confiança, respeito e amizade./ Tem pão repartido na metade/ Tem o prato na mesa, a cama quente/ Brasileiro será irmão da gente/ Vai pra lá que será bem recebido./ Imagine o Brasil ser dividido/ E o Nordeste ficar independente.

Eu não quero com isso que vocês/ Imaginem que eu tento ser grosseiro/ Pois se lembrem que o povo brasileiro/ É amigo do povo português/ Se um dia a separação se fez/ Todos os dois se respeitam no presente/ Se isso aí já deu certo antigamente/ Nesse exemplo concreto e conhecido./ Imagine o Brasil ser dividido/ E o Nordeste ficar independente.

[Povo de meu Brasil. Políticos brasileiros. Não pensem que vocês nos enganam, porque o nosso povo não é besta.]

[Gravada por Elba Ramalho em 1984. A música está disponível no CD *Elba Ramalho*, da coleção *Minha História*

No entanto, eram os próprios nordestinos que, muitas vezes, acirravam a visão sobre a região. Faziam letras sobre o Sertão que davam a idéia de uma região difícil de se viver, na qual se precisava de muita coragem para viver ou, se não a tivesse, precisava ir embora, migrar. Para muitos brasileiros não havia muita diferença entre Sertão e Nordeste. Assim, a visão de que era uma região dominada pela seca e pela pobreza aumentava. Poucos possuíam

a perspectiva de que a área era complexa e de que, por razões sócio-econômicas, a desigualdade era muito grande. Aliás, nestas regiões quase não existia classe média e a diferença social era enorme, com a pobreza vivendo ao lado e sustentando grandes fortunas. Ilustra estes fatos a letra de *Coragem pra Suportar*, feita em 1964 por Gilberto Gil e gravada em seu segundo LP, em 1968.

CORAGEM PRA SUPORTAR (Gilberto Gil)

Lá no sertão quem tem/ Coragem pra suportar/ Tem que viver pra ter/ Coragem pra suportar/ E somente plantar/
Coragem pra suportar/ E somente colher/ Coragem pra suportar/ E mesmo quem não tem/ Coragem pra suportar/ Tem
que arranjar também/ Coragem pra suportar.

Ou então/ Vai embora/ Vai pra longe/ E deixa tudo/ Tudo que é nada/ Nada pra viver/ Nada pra dar/ Coragem pra suportar.

[Música disponível no LP *Gilberto Gil* (Philips, 1968, Lado 1, faixa 2) ou no CD homônimo (Universal, 1998, faixa 2)]

O complexo regional do Nordeste pode ser dividido, de um modo geral, em quatro sub-regiões: Zona da Mata (que, por sua vez, pode ser subdividida em Zona Açucareira, Recôncavo Baiano e Zona Cacaueira), Sertão ou Polígono das Secas, Agreste e Meio-Norte. A Zona da Mata possui um clima tropical semi-úmido (*As*, na classificação de Köppen), com chuvas no período do inverno e, por ser uma região com solos bons e de razoável profundidade, tem rios perenes. No passado, dominava esta região a Mata Atlântica. Nesta área encontramos a maioria da população nordestina; possui também as maiores densidades, os maiores centros urbanos e os maiores problemas sociais; é a área do *homem-gabiru*. Este nome foi dado a partir de uma reportagem do jornal Folha de São Paulo (10/11/91, p. 1-18) a respeito de Amaro José da Silva, um homem com 1,35 m. de altura e 13 filhos. O nome gabiru foi inspirado nos grandes ratos dos lixões urbanos.

A principal característica sócio-econômica da Zona da Mata permanece sendo a monocultura,

a grande propriedade e a presença da fome. Se o mundo perdeu sua *Cortina de Ferro*, permaneceu a *Cortina do Pão*, cuja divisão se dava pelo trópico de Câncer, transformada em um *equador* separando o bloco alimentado do subnutrido. O fato provava que a luta de Josué de Castro (1908-1973) ainda não tinha obtido o seu final. Chico Science e Nação Zumbi, um grupo musical pernambucano integrante do movimento musical denominado *mangue-beat*, lançou um CD intitulado *Da Lama ao Caos*, denunciando a situação do Nordeste, principalmente de Recife (PE), uma metrópole regional com a metade da população favelada, com centenas de famílias que tentavam viver de caranguejos e siris existentes na lama provocada pelas águas do Atlântico e do rio Capibaribe, um rio hoje com menos vinhoto e mais esgoto doméstico de cidades que atravessa no interior da região, esgoto que era o alimento de alguns crustáceos que permaneciam como alimento de muitos seres humanos; o *ciclo do caranguejo*, descrito por Josué de Castro, ainda não havia terminado.

DALAMAAO CAOS (Chico Science)

Posso sair daqui para me organizar/ Posso sair daqui para desorganizar/ Da lama ao caos/ Do caos à lama/ Um homem roubado nunca se engana/ O sol queimou, queimou a lama do rio/ Eu vi um Chié andando devagar/ Vi um aratu pra lá e pra cá/ Vi um caranguejo andando pro sul/ Saiu do mangue, virou gabiru/ Oh! Josué, eu nunca vi tamanha desgraça/ Quanto mais miséria tem, mais urubu ameaça/ Peguei o balaio, fui na feira roubar tomate e cebola/ Ia passando uma véia, pegou minha cenoura/ Ái minha véia, deixa a cenoura aqui/ Com a barriga vazia/ Não consigo dormir/ E com o bucho mais cheio comecei a pensar/ Que eu me organizando posso desorganizar/ Que eu desorganizando posso me organizar/ Da lama ao caos/ Do caos à lama/ Um homem roubado nunca se engana.

[Esta música, de autoria de Chico Science (1966-1997), se encontra no CD do mesmo nome de Chico Science e Nação Zumbi (1993, selo Chaos), faixa de nº 07]

Na Zona da Mata Nordestina, como afirmamos, os problemas sociais são maiores do que nas outras áreas. É diferente, pois ali não existe o problema da seca. Muitos moram junto ao mar, em sub-habitações sobre estacas do tipo palafita, como ainda é comum em Recife (PE). Muitos migrantes do interior da região se dirigiam para esta capital e somente conseguiam morar nos mangues, em áreas

alagadas, que já foram promissoras em caranguejos. Nestas *favelas da maré*, neste *Trenchtown* (*Trench* = fosso, vala), a esperança já não vem mais do mar; nem da cidade, que não oferece emprego, moradia, condições mínimas de uma vida decente. A vida sonhada só existe nas novelas da TV. Esta realidade é, em parte, demonstrada na letra de *Alagados*, interpretada pelo conjunto Paralamas do Sucesso:

ALAGADOS (Herbert Vianna/Bi Ribeiro/João Barone)

Todo dia/ O sol da manhã/ Vem e lhes desafia/ Traz do sonho pro mundo quem já não queria/ Palafitas, trapiches, farrapos/ Filhos da mesma agonia

E a cidade/ Que tem braços abertos num cartão postal/ Com os punhos fechados da vida real/ Lhes nega oportunidades/ Mostra a face dura do mal

Alagados, Trenchtown, Favela da Maré/ A esperança não vem do mar/ Nem das antenas de TV/ A arte de viver da fé/ Só não se sabe fé em quê/ A arte de viver da fé/ Só não se sabe fé em quê

Todo dia/ O sol da manhã/ Vem e lhes desafia/ Traz do sonho pro mundo quem já não queria/ Palafitas, trapiches, farrapos/ Filhos da mesma agonia

E a cidade/ Que tem braços abertos num cartão postal/ Com os punhos fechados da vida real/ Lhes nega oportunidades/ Mostra a face dura do mal

Alagados, Trenchtown, Favela da Maré/ A esperança não vem do mar/ Nem das antenas de TV/ A arte de viver da fé/ Só não se sabe fé em quê/ A arte de viver da fé/ Só não se sabe fé em quê (bis)

[Faixa 1 do lado A do LP *Selvagem?* (EMI, 1986). Gravação também integrante do LP *D* (EMI, Lado A, faixa 2), gravado ao vivo em Montreux em 1987. No Nordeste, *trapiche* também significa um pequeno engenho de açúcar, movido por animais.]

A assistência social também é deficiente nas grandes cidades nordestinas, principalmente nas do litoral. Pode ser um tuberculoso (tísico) ou com qualquer outra doença, a maioria derivada da

pobreza. Uma gente analfabeta, que reza agarrada a um terço, implorando a Deus por outra vida. *Rio Severino*, letra também cantada pelo Paralamas do Sucesso, mostra este fato:

O RIO SEVERINO (Herbert Vianna)

Um tísico à míngua espera a tarde inteira/ Pela assistência que não vem/ Mas vem de tudo n'água suja, escura e espessa deste/ Rio Severino, morte e vida vêm/ Mas quem não tem abc não pode entender HIV/ Nem cobrir, evitar ou ferver/ O rio é um rosário cujas contas são cidades/ À espera de um Deus que dê/ Quem possa lhes dizer

Me diz que é que você tem/ A quem se pode recorrer/ Me diz, o que é que você tem/ O que é que você tem/ O que é que você tem/ A quem se pode recorrer/ Me diz o que é que você tem

É muita gente ingrata reclamando de barriga d'água cheia/ São maus cidadãos/ É essa gente analfabeta interessada em denegrir/ A boa imagem da nossa nação/ És tu Brasil, ó pátria amada, idolatrada por quem tem? Acesso fácil a todos os teus bens/ Enquanto o resto se agarra no rosário, e sofre e reza/ À espera de um Deus que não vem

O que é que você tem/ Me diz o que é que você tem/ O que é que eu posso te dizer?/ Me diz o que é que você tem/ A quem se pode recorrer/ Me diz o que é que você tem.

[Música presente no CD de nome *Severino*, do Paralamas do Sucesso, EMI, s/d, faixa 09]

A ironia está presente nesta letra, ao colocá-los como maus cidadãos com a barriga cheia, mas barriga d'água, destes personagens sem instrução em razão da própria estrutura do país. Esta ironia recorda o período do Estado Novo (1937-45), no qual ocorreu uma valorização do trabalho manual e do ato de trabalhar, como elementos de ascensão social ou em termos econômicos ou de respeitabilidade. Trabalhar era sinônimo de honestidade e de dignidade, retirando o estigma da pobreza: era pobre mas trabalhador. Durante a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, a ociosidade passou a ser uma espécie de crime contra a pátria; daí o combate à greve – que além de ilegal, era uma expressão do não-trabalho – e à boemia. Na música popular, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) – que controlava a vida cultural – passou a farejar qualquer coisa que cheirasse a louvor ao não-trabalho ou à exaltação da malandragem. No lugar, o culto ao trabalho, nem que fosse em troca de favores a determinados cantores e compositores.

Esta valorização ao trabalho chegou ao cúmulo de apresentar os doentes como párias sociais. O texto a seguir, escrito em 1944 por um médico tisiologista, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e funcionário do Ministério da

Educação e Saúde, ilustrava a situação:

O fato é que o tuberculoso reclama assistência, é um doente que deve ser assistido e tratado. Nos indigentes e nos indivíduos de baixo nível social, as coisas se complicam porque a estas exigências se agregam situações de revolta e atitudes subversivas. [...] As cartas anônimas, as reclamações pela imprensa, as campanhas contra os estabelecimentos médicos e seu pessoal técnico são fruto desta mentalidade. [...] Quando um doente deseja ir para um hospital e não há vaga, freqüentemente ele usa o seguinte recurso: deita-se à calçada do palácio do governo e ali se converte numa vítima dos nossos estabelecimentos. [...] Quando no período final [da vida] tornam-se já difíceis de se locomover, exigem um leito de hospital para morrer, não se importando saber se tal leito não seria mais útil a um doente recuperável e consciente de seus deveres sanitários. (Apud BERTOLLI FILHO, 1999, p. 38)

Ou seja, além de não produzirem riquezas para a nação, muitos queriam assistência médica gratuita, sem pensar no que era *melhor para a Pátria*.

Para os ideólogos do Estado Novo, este seria um Estado-Providência, que não privilegiava uma classe em detrimento de outra e fazia do país uma *grande família*. Nesta época, o termo proletário (do latim *Proletariu*, que significava cidadão pobre, útil apenas pela prole, i.é., pelos filhos que gerava; na Roma Antiga designava os que pertenciam à última classe do povo) passou a significar tudo e, por isso, nada. Empregadores e empregados eram proletários, todos os dois eram trabalhadores, os *soldados da produção*; já os militares, os *operários da soberania*, chegaram a ser denominados de proletários fardados. Se todos eram trabalhadores, não existia razão para conflitos e sim para a conciliação. Todavia, ainda que na lei os trabalhadores rurais tivessem sido beneficiados com o salário-mínimo (art. 76 da CLT), eles foram, na prática, excluídos do usufruto dos direitos contidos na CLT e isso significou manter intactas as relações de produção no meio rural. O trabalhador rural precisou esperar até 1964 para ter uma legislação (Estatuto do Trabalhador Rural) e ainda está esperando o cumprimento dela.

O nome rio Severino pode ser alterado para rio Capibaribe, que possui sua foz em Recife (PE), com o Beberibe. É um rio intermitente em seu curso superior e perene no inferior, sendo o eixo de ligação entre o Sertão e o Litoral no poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Mello Neto (1920-1999). Com, aproximadamente, 250 km de extensão, hoje sem oxigênio dissolvido em razão do despejo direto de vinhoto; este amplia a quantidade de bactérias aeróbicas devido ao excesso de matéria orgânica, o que faz com que o ambiente se torne anaeróbico, no qual ocorrem processos fermentativos que provocam a formação de metano e de gás sulfídrico. Além disso, por passar por diversas cidades, contém organismos patogênicos dada a presença de matéria fecal. Um rio morto, em um ambiente de morte e vida, quando esta última está justamente na outra, após a morte.

Se optar por trabalhar com um texto literário, existe o poema *O Rio*, de João Cabral de Mello Neto (1981, p. 113-143; 1995, p. 117-143). Publicado pela

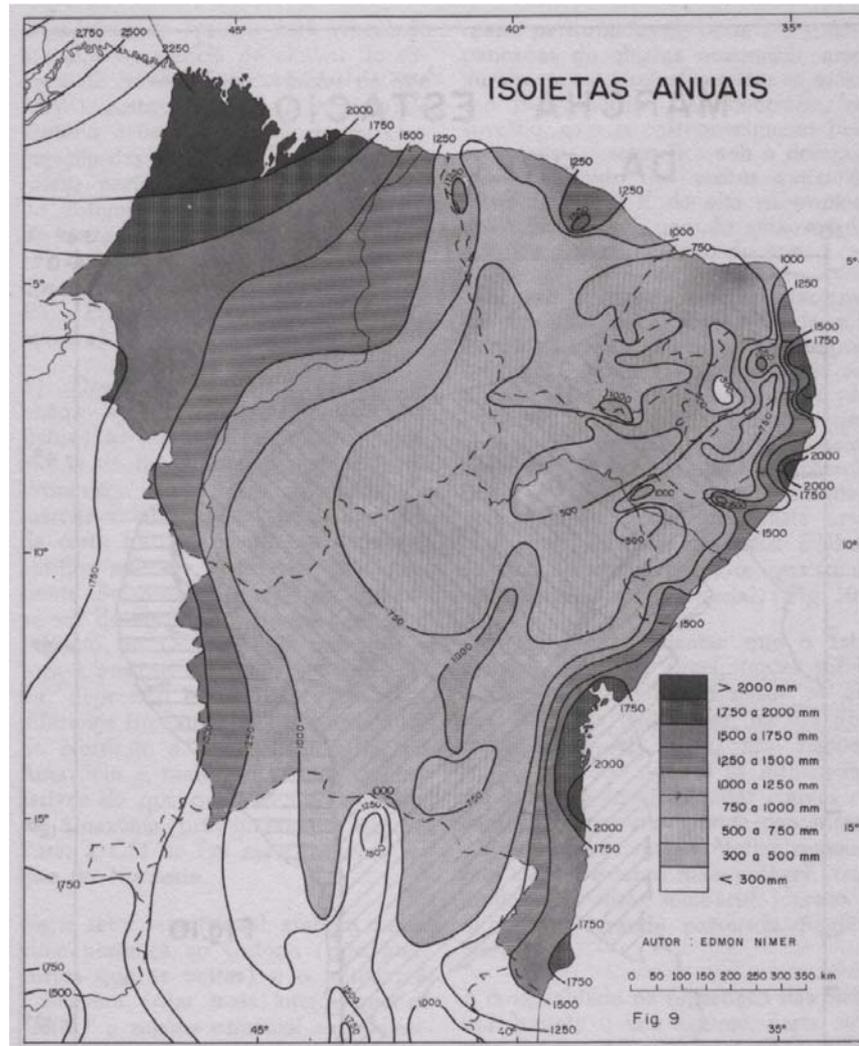
primeira vez em 1953, foi construído na primeira pessoa – ou seja, a voz é do rio Capibaribe – narrando sua viagem da nascente até a foz em Recife. Neste poema encontramos o nome das cidades que o rio atravessa, a ida do *mar de cinza* – o Sertão – para o litoral, a usina eliminando o bangüê, os engenhos que não mais fabricam açúcar (*fogo morto*), termos e situações importantes para a Geografia trabalhar a região (*verão*, *várzea*, *massapé*, *monocultura*, *concentração de terra*, *safreiro*, a vida no manguê) e outros elementos.

O Agreste é o nome de uma faixa estreita (no sentido W-E) e alongada (no sentido N-S) que existe entre a Zona da Mata e o Sertão. É uma região com altitudes entre 500 e 800 m, que ocorre principalmente junto às encostas do Planalto de Borborema, que funciona como uma barreira para os ventos úmidos provenientes do Atlântico. Seu clima é quente, com variações, sendo que no oeste chove menos do que no leste; de qualquer modo, não é árido como no Sertão nem úmido como na Zona da Mata. Variada também é a vegetação que, originariamente, às vezes parecia a Mata Atlântica, outras vezes um tipo de caatingas. Apesar da presença de grandes propriedades, comparando-a com as outras sub-regiões, é onde existiam em maior percentual as pequenas propriedades. Por esta razão é que ali aparece mais a agricultura de subsistência, mais variada (embora existam plantações de algodão, café e fibra de sisal ou agave) e a pecuária leiteira semi-extensiva. Como porta de entrada para o Sertão, aparecem algumas cidades-feira, importantes centros comerciais, como Campina Grande (PB), Feira de Santana (BA), Caruaru (PE) e Garanhuns (PE).

O Meio-Norte (ou Nordeste Ocidental) abarca áreas dos estados de Piauí e Maranhão, sendo uma região de transição entre a Amazônia e o Nordeste. Possui desde o clima tropical semi-árido (*Bsh*) no Piauí, passando pelo tropical típico (*Aw*) e até o clima subequatorial (*Am*), como no oeste do Maranhão. Ou seja, sua pluviosidade é elevada na parte oeste e vai diminuindo para leste e para sul. É uma unidade economicamente pobre. O Maranhão não possui nenhuma área com semi-aridez – o que

pode ser verificado no mapa a seguir – e, apesar de sua recente participação no Programa Grande

Carajás, é ainda um estado pobre, demonstrando que a semi-aridez não é a causa básica do problema.



Fonte: FIBGE, 1977, p. 61

Mapa 1 – Isoietas anuais da região Nordeste

Em março de 2005 foi redelimitada a área de abrangência da região semi-árida brasileira. O critério anterior levava em conta apenas o fato da precipitação média anual ser igual ou inferior a 800 mm. Como não é o índice de chuvas o responsável pela oferta insuficiente de água – e sim a má distribuição no tempo e a alta taxa de evapotranspiração –, resolveu-se (segundo o *site* do Ministério da Integração Nacional – <http://www.integracao.gov.br>) tomar três critérios:

I. precipitação pluviométrica média anual inferior a 800 milímetros; Ii. Índice de aridez de até 0,5 calculado pelo balanço hídrico que relaciona as precipitações e a evapotranspiração potencial, no período entre 1961 e 1990; e Iii. Risco de seca maior que 60%, tomando-se por base o período entre 1970 e 1990. (BRASIL, 2005, p. 3)

Com isso, foram incorporados mais 102 municípios – que possuíam, pelo menos, um dos três

critérios – totalizando 1.133 municípios e uma área de 969.589,4 km² (8,66% a mais que a anterior, de 892.309,4 km²), como demonstram a tabela e o mapa colocados a seguir. A maior alteração ocorreu em

Minas Gerais (de 40 para 85 municípios), aumentando a área do estado integrante da região semi-árida para 51,7% (era 27,2%); a população total, com base no censo de 2.000, era de 20.858.264 habitantes.

Tabela 1. Número de municípios por estado e na região semi-árida.

Estado	No estado	Na região Semi-Árida	% da Região Semi-Árida	% do estado
Piauí	221	127	11,2%	57,5%
Ceará	184	150	13,2%	81,5%
Rio Grande do Norte	166	147	13,0%	88,6%
Paraíba	223	170	15,0%	76,2%
Pernambuco	185	122	10,8%	65,9%
Alagoas	101	38	3,4%	37,6%
Sergipe	75	29	2,6%	38,7%
Bahia	415	265	23,4%	63,9%
Minas Gerais	165	85	7,5%	51,5%
Total	1.735	1.133	100,0%	(do NE) 65,3%

Fonte: BRASIL. Ministério da Integração Nacional, 2005, p. 32.

Modificado pelo autor



Fonte: BRASIL, 2005, p. 04.

Mapa 2 – Delimitação do Semi-árido em 2005

O clima da sub-região Sertão Nordestino é o tropical semi-árido ou, como afirma o autor inglês Gresswell (1979, p. 54 e 64), *tropical grassland*, classificado por W. Köppen (1846-1940) como Bsh, com totais pluviométricos médios anuais inferiores a 500 mm (Cocorobó: 457 mm)¹ e com áreas onde a pluviosidade anual não ultrapassa a 400 mm, como no Raso da Catarina (BA), onde o déficit hídrico é severo e há claros indícios de desertificação. O fato mais negativo não é o total pluviométrico mas a distribuição anual, pois as chuvas são irregulares, concentradas e torrenciais; ou seja, grande quantidade em pouco tempo, período que não ultrapassa três meses consecutivos. O fato de as médias térmicas anuais serem altas (superiores a 26° C) faz com que o grau de evaporação seja muito elevado, o que agrava o déficit hídrico. Mas, quais seriam as causas desta semi-aridez?

Existem várias hipóteses para explicar a ocorrência da semi-aridez no Polígono das Secas. As primeiras procuravam explicá-la, principalmente a da área que vai do Rio Grande do Norte à foz de São Francisco, através da presença de uma barreira orográfica, representada pelas encostas do Planalto de Borborema, que barraria em suas vertentes a umidade procedente do Atlântico. Entretanto, essa explicação não satisfaz. Na vertente a barlavento de Borborema existem alguns locais onde a precipitação ultrapassa a 1.000 mm anuais, o que pode ser explicado pelo fato acima. Todavia, além desses locais, o Planalto de Borborema seria insuficiente para explicar toda a mancha semi-árida a sotavento de suas vertentes orientais, pois ele é descontínuo e apresenta modestas altitudes - dificilmente ultrapassa 800 metros -, o que o impede de ser considerado um grande obstáculo impedidor da penetração de quase toda a umidade provinda do oceano. Para a região de Canudos (BA), por exemplo, a hipótese orográfica carece de sentido pois a possível *barragem*, a chapada Diamantina, situa-se a sotavento. E a ocorrência de chuvas no litoral oriental nordestino é explicada principalmente pelas

chuvas frontais decorrentes da formação da Frente Polar Atlântica, em razão do encontro da massa Polar atlântica (*mPa*) com a massa Tropical atlântica (*mTa*).

A grande extensão territorial da região Nordeste (1.540.827 km²) e a sua localização em relação aos diversos sistemas de circulação atmosférica, tornam a climatologia nordestina uma das mais complexas do mundo. A região Nordeste sofre influências de invasões de massas polares antárticas, do deslocamento da Frente Intertropical (FIT) ou Convergência Intertropical (CIT), da ação dos alísios oriundos do anticiclone do Atlântico Sul (Anticiclone de Santa Helena, onde origina a massa Tropical Atlântica) e da atuação de ventos de Oeste a Noroeste trazidos, como diz Nimer (FIBGE, 1977, p. 49), por *linhas de instabilidades tropicais*. A região Nordeste é “*uma vasta área periférica de diferentes sistemas de ‘circulação perturbada’*. *O nordeste baiano é justamente o núcleo desta área, o que lhe dá características próprias: ...*” (Ibidem, p. 71). O nordeste baiano é uma área de transição entre ritmos diferentes de chuva e seu regime de seca pode ser resultante da conjugação da seca de inverno do Brasil Central, de primavera na parte sul da zona equatorial, e da seca de verão da área litorânea que corresponde à Zona da Mata. Daí boa parte desta região possuir seca de inverno-primavera-verão. Apesar de as chuvas serem de outono, o período é cognominado de *inverno* em razão de ser o nome - e o período - da estação das chuvas na Zona da Mata. Fora da estação chuvosa, se ocorrem precipitações, estas são raras e pouco copiosas.

A área do litoral e da encosta oriental do Planalto, do Rio Grande do Norte à região do Recôncavo Baiano, é, conforme escreveu Nimer, “*a única área do Brasil que apresenta seca de Verão e inexistência da mesma no Inverno.*” (FIBGE, 1977, p. 68). Apesar de a ausência de postos meteorológicos impedir que os dados sejam mais precisos, pode-se afirmar que a região onde se

¹ Um milímetro de chuva corresponde a um litro de água coletado em um metro quadrado de solo.

localizava Canudos possui dez meses secos por ano e a do Raso da Catarina, 11 meses.

Na região do antigo Belo Monte (Canudos), por exemplo, as médias dos meses mais frios situam-se entre 20 e 22°C, por ocasião do solstício de inverno, e as dos meses mais quentes entre 26 e 28°C, notadamente entre o equinócio de primavera e o final do verão; ou seja, nos seis meses em que o Sol *permanece* no hemisfério austral. As temperaturas máximas absolutas podem chegar a 40°C e as mínimas absolutas podem ficar entre 8 e 12°C. Ao norte desta região, do paralelo 9°S em direção ao Equador, as chuvas são também provocadas pelos deslocamentos da FIT, a frente originada da convergência dos alísios de nordeste e de sudeste. Em razão da maior área continental do hemisfério setentrional, este é normalmente mais quente que o hemisfério sul, e a grande massa de ar frio do hemisfério sul conserva a FIT, a maior parte do ano, ao norte do equador. No inverno do hemisfério norte, o intenso resfriamento do pólo Ártico provoca o deslocamento da FIT para o sul, até os limites entre Pernambuco e Bahia, fazendo com que a estação chuvosa seja de janeiro a abril, com o mês de março marcando a localização mais meridional da FIT. “O

forte progresso da FIT coincide com o enfraquecimento do centro de ação dos Açores e conseqüentemente, com o avanço do ar polar setentrional para a faixa equatorial. Este caso, que não se verifica nos anos secos, raramente é observado nos de chuvas normais, sendo típico dos anos úmidos.” (NIMER, 1979, p. 42) Isto significa que uma redução de 3° a 5° no percurso da FIT em direção ao sul pode provocar ausência de chuvas no período, ou seja, a seca, termo que, na região, significa, a não ocorrência do *inverno*. Isto também significa que a crença, de que a ausência de chuvas no dia de São José sinaliza um ano seco, possui algum fundamento pois é no dia 21 de março, quando o Sol *cruza* o paralelo do Equador em direção ao hemisfério norte, que a CIT chega a sua posição extrema mais ao sul.

Este fato explica a devoção a São José no Sertão Nordestino. Como o dia 19 de março é próximo ao equinócio, serve como indicador da chegada ou não da CIT ao sul do Equador. As referências a este santo são comuns nas músicas regionais. É o caso da letra de *São João do Carneirinho*, gravada em 1952 por Luiz Gonzaga (1912-1989):

SÃO JOÃO DO CARNEIRINHO (Guio de Moraes/Luiz Gonzaga)

Eu prantei meu mio todo/ No dia de São José,/ Se me ajuda a providência/ Vamos ter mio a grané
Vou coiê pelos meus carcu/ Vinte espiga em cada pé/ Pelos carcu vou coiê/ Vinte espiga em cada pé
Ai, São João/ São João do Carneirinho/ Você é tão bonzinho/ Fale com São José
Fale lá com São José/ Peça pr'ele me ajudar/ Peça pro meu mio dar/ Vinte espigas em cada pé.

[Encontra-se, esta música, na caixa de CDs *50 anos de Chão*, sobre a obra de Luiz Gonzaga (RCA/BMG, 1988 – caixa com 3 CDs); é a faixa de nº 6, do CD 2]

A invocação ao mesmo santo aparece em diversas outras composições. Em datas próximas a 19 de março, era comum a realização de procissões clamando pelo santo e pedindo por chuvas. Em uma visão crítica a estes gestos, Gilberto Gil compôs em 1964 e gravou em outubro do ano seguinte (em compacto simples pela RCA Victor) a música *Procissão*. Esta música se enquadrava no padrão

da União Nacional dos Estudantes (UNE) da época, possibilitando uma interpretação da religião como *ópio do povo*, como um fator de alienação da realidade. De qualquer modo, possuía relação com as pessoas abandonadas pelo poder público no interior da região. Foi gravada em outubro de 1965 e integrou seu primeiro LP em 1967. Utilizou, no início, versos populares referentes ao santo da chuva:

PROCISSÃO (Gilberto Gil)

“*Meu divino São José/ Aqui estou em vossos pés/ Dai-nos chuva pra abundância/ Meu Jesus de Nazaré*”

Olha lá vai passando a procissão/ Se arrastando que nem cobra pelo chão/ As pessoas que nela vão passando/
Acreditam nas coisas lá do céu/ As mulheres cantando tiram versos,/ Os homens escutando tiram o chapéu/ Eles
vivem penando aqui na Terra/ Esperando o que Jesus prometeu.

E Jesus prometeu coisa melhor/ Pra quem vive nesse mundo sem amor/ Só depois de entregar o corpo ao chão,/ Só
depois de morrer neste Sertão/ Eu também tô do lado de Jesus,/ Só que acho que ele se esqueceu/ De dizer que na
Terra a gente tem/ De arranjar um jeitinho pra viver

Muita gente se arvora a ser Deus/ E promete tanta coisa pro Sertão/ Que vai dar um vestido pra Maria,/ E promete
um roçado pro João/ Entra ano, sai ano, e nada vem,/ E o sertão continua ao Deus dará/ Mas se existe Jesus no
firmamento,/ Cá na Terra isso tem que se acabar.

[Música presente no LP *Louvação* (Philips, 1967, lado B, faixa 6), regravada com os Mutantes (LP *Gilberto Gil*, 1968, lado 2, faixa 2; também no CD de 1998, faixa 7) e presente em diversas coletâneas em CD do autor como *Personalidade* (Polygram, 1987, faixa 4), *Millennium* (Polygram, 1998, faixa 4) e *Sem Limite* (Universal, 2001, CD 1, faixa 3)]

Marisa Monte, no CD *Barulhinho Bom* (EMI, 1996), regravou a música *O xote das meninas*, composta em 1943 por Luiz Gonzaga e Zédantas. No início já há referências à chuva (*Mandacaru, quando fulora na seca/ É o sinal que a chuva chega ao sertão*), mostrando o comportamento de

uma cactácea dando flores antes da ocorrência pluvial, em um sinal da grande adaptação botânica das caatingas ao fenômeno. No meio de sua interpretação, Marisa Monte acrescentou um verso folclórico: “*Glorioso São José / Glorioso São José/ Dai-nos chuva em abundância / Glorioso São José*”.

O XOTE DAS MENINAS (Luiz Gonzaga/Zédantas)

Mandacaru, quando fulora na seca/ É o sinal que a chuva chega no sertão,/ Toda menina que enjoa da boneca/ É
sinal que o amor/ Já chegou no coração

Meia comprida, não quer mais sapato baixo,/ Vestido bem cintado/ Não quer mais vestir timão

Ela só quer, só pensa em namorar,/ Ela só quer, só pensa em namorar

De manhã cedo, já tá pintada,/ Só vive suspirando/ Sonhando acordada,/ O pai leva ao doutô/ A filha adoentada,/ Não come nem estuda/ Não dorme, não quer nada

Ela só quer, só pensa em namorar,/ Ela só quer, só pensa em namorar

Mas o doutô nem examina/ Chamando o pai do lado/ Lhe diz logo em surdina/ Que o mal é da idade/ Que pra tal
menina/ Não tem um só remédio/ Em toda medicina

Ela só quer, só pensa em namorar,/ Ela só quer, só pensa em namorar

[Gravada por Luiz Gonzaga em 1953 (caixa *50 Anos de Chão*, RCA/BMG, 1988, CD 2, faixa 10) e por Marisa Monte no CD *Barulhinho Bom*, de 1996]

Contudo, somente o que foi citado anteriormente não explica a semi-aridez de todo o Polígono das Secas; as causas parecem ser múltiplas

e ainda não foram inteiramente explicadas. Conti e Furlan acrescentaram outras causas:

A formação de uma grande célula de alta pressão sobre a região, provavelmente a extensão meridional do anticiclone dos Açores, dificulta a penetração da massa equatorial continental, da tropical marítima e da frente polar atlântica, que seriam mecanismos geradores de instabilidades, porém acabam dissipados pela divergência anticiclônica estacionada sobre a região. [...] O papel exercido pela temperatura da superfície do mar é muito relevante. As águas do Atlântico equatorial são menos quentes ao sul do equador não só em virtude do desequilíbrio térmico entre os dois hemisférios como também porque são alimentadas pela corrente fria procedente da costa sul-africana, a corrente de Benguela. O giro anti-horário (sentido anticiclônico) da massa oceânica do Atlântico sul transporta essas águas para latitudes mais baixas, provocando redução da chuva em toda a sua área de influência: costas da Namíbia, de Angola, arquipélagos de Santa Helena, de Ascensão, de Fernando de Noronha e Nordeste brasileiro, especialmente os litorais do Ceará e do Rio Grande do Norte. (Apud ROSS, 1996, p. 106)

Essa mancha semi-árida, cuja largura é de quase 10° de latitude, também ocorreria no Pacífico equatorial. Já foram encontradas correlações positivas entre anomalias da temperatura da superfície do oceano Atlântico e aumento de precipitação em algumas regiões nordestinas. A superfície mais quente do Atlântico provocaria maior evaporação, maior formação de nuvens e produção de chuvas no Nordeste. Outra causa vem do Pacífico e já havia sido apontada por Molion (1985, p. 31-32) para explicar a seca de 1983: o fenômeno conhecido por *El Niño*. Decorrente de um forte aquecimento das águas do Pacífico Equatorial, ele bloqueia as frentes frias advindas do sul, intensificando as chuvas no sul do país e causando estiagem no Nordeste.

O estudo de uma série de eventos El Niño ocorridos desde 1870 sugere a existência de uma estreita relação entre sua ocorrência e o advento

de secas severas tanto no Nordeste como em outras regiões tropicais. A análise estatística indica que há 35% de probabilidade de ocorrência de um forte El Niño a cada sete ou oito anos e 82% de probabilidade de ocorrência a cada 15 ou 16 anos. (MOLION, 1985, p. 32)

Estes diversos fatores citados parecem deixar evidente que a semi-aridez da região não possui causas locais mas que se insere num fenômeno de múltiplas causas e de escala global. Se a causa básica é a circulação atmosférica de escala global, é remotíssima - ou impossível - a possibilidade de se modificar o clima regional através de alterações locais tanto da superfície quanto da atmosfera.

O homem pode agravar o quadro, mas não é a causa básica, como parece insinuar Euclides da Cunha (1982a, p. 48) ao considerar o homem como um *agente geológico notável*, um *terrível fazedor de desertos* e ao colocar o uso do fogo pelos silvícolas como o grande fazedor de capuera (mato extinto na língua tupi). Interessantes, porém, são as possibilidades de prever a seca por ele colocadas. Em Os Sertões já afirmava a existência de ciclos de seca, em um ritmo tão notável que pareciam obedecer a uma ignorada lei natural, com “*uma coincidência repetida bastante para que se remova a intrusão do acaso*”. (Ibidem, p. 33) Cadência de “*intervalos pouco díspares entre 9 a 12 anos,*” o que permitiria previsões mais garantidas.

A precariedade das fontes dificulta o levantamento de hipóteses mais seguras sobre a ocorrência de secas, aqui significando ausências anuais de inverno. Nos séculos XVIII e XIX ocorreram secas em 1710/11, 1723/27, 1736/37, 1744/45, 1777/78, 1783/84, 1791/92, 1808/09, 1824/25, 1835/37, 1844/46, 1869/70, 1877/79 e 1888/89. Além destas, podemos citar ainda no século XX as de 1903/04, 1915, 1930/32, 1951/53, 1958, 1970/71, 1979/83 e a de 1998. Na seca de 1724, o capitão-mor da Paraíba escreveu ao rei solicitando ajuda, até por causa da onda de saques; D. João V negou,

dizendo que a culpa era da ociosidade ou preguiça dos moradores. Em 24 de julho de 1859, por sugestão do Barão de Capanema e do poeta Gonçalves Dias, desembarcaram, em Fortaleza (CE), vindos de Argel, 14 camelos e quatro argelinos, estes com a função de tratá-los e ensiná-los a trabalhar na região. Vinham os camelos como solução para resolver a crise de transportes que a seca provocava, entre o Sertão e o Litoral, por matar bois e burros. Os argelinos foram mal recebidos devido aos seus turbantes e à sua religião - *inimigos da fé cristã* - e os camelos *não resistiram à seca*. Na de 1877/79, D. Pedro II chorou e prometeu vender até a última jóia da Coroa para solucionar o problema.

Em 1970 o presidente Médici visitou o Sertão, prometeu medidas, mas pouco foi feito. Em 1998, pressionado por saques e pela mídia, o presidente FHC visitou rapidamente, em 04 de maio, uma cidade sertaneja (Tejuçuoca, CE).

Destas diversas secas citadas, uma das músicas que possui a referência a alguma delas no título é a letra de *A Seca de 1932*, gravada por Paulo Diniz em 1976, embora fossem citados de modo superficial aspectos desta seca, relatando o que ocorreu em uma fazenda que perdeu seus empregados e seus bois; mas ele possuía a esperança de um dia retornar e a vida na fazenda recomeçar.

A SECA DE 1932 (Waldir Neves)

Lá na mata eu passeava em meu cavalo/ Ainda madrugada eu ouvi o canto do galo/ Pressentimento logo me ocorreu/
Coisa ruim lá na fazenda aconteceu.

Cipoei o cavalo e fui correndo o mais que pude/ Mas se for o que penso Deus do céu me ajude/ Bem de perto a
fazenda enxergava/ Eu vi todo o meu povo a chorar.

Vendo minha gente toda ir embora/ Vendo a fazenda não ser a mesma agora/ vendo tudo isso, quase caí na hora.

Vendo meus vaqueiros a pegar meus bois/ Vendo meus vaqueiros enterrar meus bois/ Vendo meus vaqueiros
lamentar meus bois.

Minha fazenda a seca havia destruído/ Tudo, tudo que eu tinha construído/ Dentro de mim eu tenho muita esperança/
De algum dia a seca ter só na lembrança

Meu povo todo foi para bem distante/ Esperando a seca passar a qualquer instante/ Tenho fé que ele um dia vai
voltar/ Para uma vida nova começar.

Vendo minha gente toda indo embora/ Vendo a fazenda não ser a mesma agora/ vendo tudo isso, quase caí na hora.

Vendo meus vaqueiros a pegar meus bois/ Vendo meus vaqueiros enterrar meus bois/ Vendo meus vaqueiros
lamentar meus bois.

[Encontrada no LP ou na fita cassete *Estradas*, da EMI-Odeon, de Paulo Diniz; é a faixa 03 do lado A]

Cunha (1982a) elencou algumas hipóteses sobre as secas, iniciando com a do barão de Capanema, que relacionou o fenômeno com o aparecimento de manchas na fotosfera solar e fixou a regularidade do fenômeno em 11 anos. Para Cunha, as manchas solares ocorriam em períodos que poderiam variar de 9 a 12 anos, mas afirmou que era necessário verificar se havia grandes secas em períodos de mínimas manchas solares e que as datas entre os dois fenômenos raramente coincidia

(CUNHA, 1982a, p. 34). Levantou ainda a possibilidade da relação com o que ele chamou de monção de nordeste, que seria “*oriunda da forte aspiração dos planaltos interiores que, em vasta superfície alargada até ao Mato Grosso, são, como se sabe, sede de grandes depressões barométricas, no estio.*” (Ibidem, p. 35) Atraído por estas depressões barométricas, o vento nordeste “*ao entrar, de dezembro a março, pelas costas setentrionais, é singularmente favorecido pela*

própria conformação da terra, na passagem célere por sobre os chapadões desnudos que, irradiando intensamente, lhe alteiam o ponto de saturação, diminuindo as probabilidades das chuvas, ... “ (Ibidem) deixando o vento levar a umidade absorvida no oceano para o interior do continente. Interessante é que, ao contrário da explicação mais comum, a disposição orográfica - serras que se alinham a nordeste, paralelas à monção - facilitava a travessia do vento e as baixas altitudes causavam a seca por permitir a passagem, por não barrar a umidade. Faltava, para ele, uma alta serra que barrasse a umidade.

Segundo ele, as secas apareciam entre 12 de dezembro e 19 de março justamente porque neste período a longa faixa de calmas equatoriais permanecia sobre os estados nordestinos e funcionava como um anteparo ao vento, como uma espécie de montanha barrando a umidade. A colisão entre as calmarias e os ventos oceânicos é que provocava as chuvas; por isso é que o sertanejo sabia que *“a persistência do nordeste - o vento da seca, como o batiza expressivamente - equivale à permanência de uma situação irremediável e cruelíssima.”* (Ibidem, p. 36) E o sertanejo se prepara para ela sem se apavorar, estoicamente, com base em seus conhecimentos e suas crendices. *“Dois ou três meses antes do solstício de verão, espeda e fortalece os muros dos açudes, ou limpa*

as cacimbas. Faz os roçados e arrega as estreitas faixas de solo arável à orla dos ribeirões. Está preparado para as plantações ligeiras à vinda das primeiras chuvas.” (CUNHA, 1982a, p. 103)² Também procura sinais no céu, na esperança de a *“variante trágica”* não ocorrer, como foi citado em Vidas Secas, do alagoano Graciliano Ramos (1892-1953): *“O poente cobria-se de cirros - e uma alegria doída enchia o coração de Fabiano. [...] Olhou o céu de novo. Os cirros acumulavam-se, a lua surgiu, grande e branca. Certamente ia chover. [...] A lua estava cercada de um halo cor de leite. Ia chover.”* (RAMOS, 1988, p. 14-15)

Todavia, apavora-se com o céu limpo no período do início do inverno: *“[...] conservaram-se encolhidos, temendo que a nuvem se tivesse desfeito, vencida pelo azul terrível, aquele azul que deslumbrava e endoidecia a gente. Entrava dia e saía dia. As noites cobriam a terra de chofre. A tampa anilada baixava, escurecia, quebrada apenas pelas vermelhidões do poente.”* (Ibidem, p. 13) Isso o fazia começar a temer pelo pior. Contudo, sabe que irá ocorrer a seca quando, após as chuvas de caju em outubro - rápidos chuvisqueiros de pouca influência -, o chão se fende, o nível das cacimbas diminui, os dias se tornam, desde o alvorecer, mais quentes e as noites mais frias, e nas tardes vê bandos de aves emigrando do Sertão. Luiz Gonzaga, cantando, assim explicava:

ASABRANCA (Luiz Gonzaga/Humberto Teixeira)

Quando oiei a terra ardendo,/ Qual fogueira de São João,/ Eu perguntei a Deus do céu, ai/ Por que tamanha judiação ...
Que braseiro, que fornáia,/ Nem um pé de prantação,/ Por farta d'água perdi meu gado/ Morreu de sede meu alazão ...
Inté mesmo a asa branca/ Bateu asas do sertão/ Entonce eu disse, adeus Rosinha,/ Guarda contigo o meu coração ...
Hoje, longe muitas légua,/ Numa triste solidão,/ Espero a chuva cair de novo/ Pra mim vortá pro meu sertão ...
Quando o verde dos teus óio/ Se espaiá na prantação/ Eu te asseguro, num chore não, viu/ Que eu vortarei, viu, meu coração...

[*Asa Branca*, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, foi gravada em 1947. Está disponível em CD, na caixa *50 Anos de Chão* (RCA/BMG, 1988); é a faixa nº 4 do primeiro CD. *Asa-branca* é o nome nordestino da *pomba-trocaz* (*columba picazuro marginalis*), uma pomba que vive em bandos e é uma das maiores do Brasil.]

² Espear significa escorar; arregar é abrir regos, sulcos.

Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga continuaram colocando aspectos significativos da seca em suas músicas. A música *Paraíba* (gravada pela primeira vez em 1950, por Luiz Gonzaga) possui referências importantes. Mandacaru (*Cereus jamacaru*) é um grande cacto, de porte arbóreo e

que serve de alimento para o gado na seca. Ribaçã é uma variante de arribação, mas na letra a seguir se refere à avoante, uma ave columbiforme que, anualmente, em março e abril, em bandos, se desloca para desovar em certas áreas do Nordeste.

PARAÍBA (Luiz Gonzaga/Humberto Teixeira)

Quando a lama virou pedra/ E mandacaru secou,/ Quando ribaçã de sede/ Bateu asas e voou
Foi aí que vim m'embora/ Carregando a minha dor,/ Hoje eu mando um abraço pra ti, pequenina
Paraíba, masculina, muié macho sim senhor/ Paraíba, masculina, muié macho sim senhor
Eita, pau-pereira,/ Que em Princesa já roncou,/ Eita, Paraíba,/ Muié macho sim senhor
Eita, pau-pereira,/ Meu bodoque não quebrou,/ Hoje eu mando um abraço pra ti, pequenina
Paraíba, masculina, muié macho sim senhor/ Paraíba, masculina, muié macho sim senhor.

[Foi gravada pela primeira vez em 1950. Está na caixa *50 Anos de Chão* (RCA/BMG, 1988); é a faixa nº 17 do CD 1]

O marido de sinha Vitória em *Vidas Secas* (publicado em 1938), de Graciliano Ramos, também sabia que as aves de arribação eram prenúncio de mau agouro:

De repente, um risco no céu, outros riscos, milhares de riscos juntos, nuvens, o medonho rumor de asas a anunciar destruição. Ele já andava meio desconfiado vendo as fontes minguaem. E olhava com desgosto a brancura das manhãs longas e a vermelhidão sinistra das tardes. Agora confirmavam-se as suspeitas. (RAMOS, 1998, p. 112) O mulungu do

bebedouro cobria-se de arribações. Mau sinal, provavelmente o sertão ia pegar fogo. Vinham em bandos, arranchavam-se nas árvores da beira do rio, descansavam, bebiam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o sul. [...] O sol chupava os poços, e aquelas excomungadas levavam o resto da água, queriam matar o gado. (RAMOS, 1988, p. 108)

Uma letra interessante para ilustrar a ação de certas aves na região é *Acauã*, de autoria de Zédantas, gravada pelo rei do baião em 1952, sobre o mau agouro desta ave da família dos falconídeos:

ACAUÃ (Zédantas)

Acauã, acauã vive cantando/ Durante o tempo do verão/ No silêncio das tarde agoirando/ Chamando a seca pro sertão.(bis)
Acauã,/ Acauã,/ Teu canto é penoso e faz medo/ Te cala, acauã/ Que é pra chuva voltar cedo. (bis)
Toda noite no sertão/ Canta o João Corta-Pau/ A coruja mãe da lua/ A peitica e o bacurau./ Na alegria do inverno/
Canta sapo, gia e rã/ Mas na tristeza da seca/ Só se ouve acauã. (bis)
Acauã, Acauã,

[Gravada por Luiz Gonzaga; está na caixa *50 Anos de Chão* (RCA/BMG, 1988), sendo a faixa de nº 3, do CD 2]

Outra letra adequada para caracterizar a ação de certas aves é a de *Carcará*, que obteve um relativo sucesso popular quando foi lançada na

década de 1960 pela cantora baiana Maria Bethânia que, em sua gravação, fez relação com as migrações nordestinas:

CARCARÁ (João do Vale/José Candido)

Carcará, lá no sertão/ É um bicho que avoa que nem avião/ É um pássaro malvado/ Tem o bico volteado que nem gavião. Carcará quando vê roça queimada/ Sai voando e cantando carcará/ Vai fazer sua caçada/ Carcará come até cobra queimada.

Mas quando chega o tempo da invernoada/ No sertão não tem mais roça queimada/ Carcará mesmo assim não passa fome/ Os burrego que nasce na baixada

Carcará pega mata e come/ Carcará não vai morrer de fome/ Carcará mais coragem do que homem/ Carcará pega, mata e come.

Carcará é malvado, é valentão/ É a águia de lá do meu sertão/ Os burrego novinho não pode andar/ Ele puxa no umbigo até matar

Carcará pega mata e come/ Carcará não vai morrer de fome/ Carcará mais coragem do que homem/ Carcará pega, mata e come.

[Também foi gravada por Edu Lobo, no CD *João Batista do Vale* (RCA/BMG, s/d, faixa 04)]

O conhecimento da flora e da fauna permite que se preveja a seca através do comportamento das plantas e dos animais. Ilustra isso a letra de *Fogo Pagô*, uma referência a uma ave columbiforme encontrada nas regiões de cerrados e caatingas, cujo nome correto, conforme o dicionário, é fogo-pagou ou fogo-apagou ou fogo-pegou. “*De coloração*

pardo-cinzenta no dorso, branca na região inferior; penas orladas de preto, formando desenhos semilunares, como se fosse escamas.” (FERREIRA, 1975, p. 640) Tem um modo chocolhante de voar, o que também lhe valeu a designação de pomba-cascavel.

FOGO PAGÔ (Sivuca/ Humberto Teixeira)

Fogo Pagô cantou, cantou, cantou/ Olhou pro céu encarnado e se assustou/ Fogo Pagô cantou, cantou, cantou/ Compadecida, bateu asas e voou.

Água do rio secou, secou/ Capeta então reinou/ Matando e acabando o que encontrou.

Água do rio secou, secou/ Credo Nosso Senhor/ Até o próprio sol se incendiou.

Ai, ai, meu Ceará/ tal qual fogo pagô/ Ai vibra, não morreu/ Mas vivo é que eu não estou.

[Música encontrada no CD *Sivuca – Seleção de Ouro – 20 Sucessos*, da EMI; é a faixa 15]

Do mesmo modo, a letra de *Pato Preto*, de Tom Jobim, fez referências aos sinais dados pelas aves quanto à ocorrência de chuvas. Também à migração que muitos realizam, principalmente para São Paulo, que foi durante bastante tempo o principal local para o qual se dirigiam. Neste caso, não existia

a perspectiva da volta e sim o desejo de que a família também fosse retirada do Sertão, o que em alguns casos não ocorria, com o migrante formando nova família. Esta música foi gravada em outubro de 1989 pela Família Jobim e se encontra em CD da Movieplay de 1993; é a faixa de número seis.

PATO PRETO (Antonio Carlos Jobim)

O pato preto de asa branca/ Já fez morada no brejão/ Isso é sinal que a chuva vem/ Que vai ter safra no sertão
O pato preto é da floresta/ O paturi é do sertão/ A minha vida é cardigueira/ Avoante arribação
A minha vida é muito triste/ A te esperar na solidão/ Ah! se eu soubesse que era assim/ Eu juro, eu não casava não
Eu vou me embora pra São Paulo/ Vou arranjar uma viração/ Depois te pego com as crianças/ A sanfona e o violão
E os meninos tão bonitos/ Inocentes no sertão/ E a danada desta seca/ Ai meu Deus que judiação/ Leva nós lá pra
São Paulo/ Aqui não fico mais não
A minha vida é só tristeza/ É desespero, é solidão/ O Zeca foi lá pra São Paulo/ Acho que não volta mais não
Era uma nuvem tão bonita/ Era uma rosa era um balão/ O camiranga deu uma volta/ E sumiu na imensidão
Ó o dandá, ó o dandá/ Ó o dandá, ó o dandá/ o dandá, ó o dandá

[Pode ser ouvida no CD Família Jobim, de 1993, da Movieplay; é a faixa de nº 06]

Mas o sertanejo só vai embora após as sondagens realizadas no dia de Santa Luzia (13 de dezembro) e de São José (19 de março). Na véspera do dia de Santa Luzia,

ao anoitecer expõe ao relento em linha, seis pedrinhas de sal, que representam, em ordem sucessiva da esquerda para a direita, os seis meses vindouros, de janeiro a junho. Ao alvorecer de 13 observa-as; se estão intactas, pressagiam a seca; se a primeira apenas se deliu, transmutada em aljôfar límpido, é certa a chuva em janeiro; se a segunda, em fevereiro; se a maioria ou todas, é inevitável o inverno benfazejo. (CUNHA, 1982a, p. 104)

A transformação da pedra de sal em *minúsculas pérolas* (aljôfar) pode ser explicada pela presença de vapor d'água no ar. Se desconfiado é de Santa Luzia, espera a confirmação no dia de São José. Se chove no dia 19 de março, “*será chuvoso o inverno; se, ao contrário, o sol atravessa abrasadoramente o firmamento claro, estão por terra todas as suas esperanças. A seca é inevitável.*” (Ibidem, p. 105)

A letra de *Chover* (ou *Invocação para um dia líquido*), cantada pelo Cordel do Fogo Encantado, é ilustrativa da angústia das pessoas da

região, na qual se vê água da chuva por, no máximo, três meses.

Aí presentes a crença no *Padim Ciço*, o antigo bangüê de áreas pobres, o cego comum no Nordeste – talvez pela fome específica –, a necessidade de sair (de ônibus, pela Viação Itapemirim), a violência da chuva quando ocorre e a vida que acontece no período do *inverno*. Padim Ciço é o apelido dado ao padre cearense Cícero Romão Batista (1844-1934), que transformou a cidade de Juazeiro do Norte (CE) em um centro de peregrinação. Vigário desta cidade em 1872, começou prestando serviços religiosos gratuitos e quando uma beata disse que uma hóstia por ele dada a ela se transformara em sangue, sua fama espalhou-se pelos Sertões. Os *coronéis* procuraram controlá-lo e acabaram por transformá-lo em um semelhante. Foi eleito prefeito da cidade (1911) e se transformou em um chefe político e numa pessoa rica. Militou em um partido republicano, não rompeu com a Igreja - apesar de ser, por ela, excomungado -, avalizou o coronelismo local, pregava a salvação individual e não a revolução social. Vivia cercado de jagunços e chegou “*a arregar Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, para combater a Coluna Prestes, quando de sua passagem pelo Ceará.*” (VILLA, 1992, p. 34) É uma letra bastante ilustrativa da situação regional.

CHOVER (ou Invocação Para Um Dia Líquido) (Lirinha/ Clayton Barros)

“O sabiá no sertão/ Quando canta me comove,/ Passa três meses cantando/ E sem cantar passa nove,/ Porque tem obrigação/ De só cantar quando chove”.

(Chover, chover)/ Valei-me Ciço que posso fazer/ Um terço pesado pra chuva descer/ (Chover, chover)/ Até Maria deixou de moer/ Banzo, Batista, bagaço e bangüê.

(Chover, chover)/ Cego Aderaldo peleja pra ver/ Já que meu olho cansou de chover/ (chover, chover)/ Até Maria deixou de moer/ Banzo, Batista, bagaço e bangüê

“Meu povo não vá s’imbora/ Pela Itapemirim,/ Pois mesmo perto do fim/ Nosso sertão tem melhora,/ O céu tá calado agora/ Mais vai dar cada trovão/ De escapulir torrão/ De paredão de tapera.”

Bombo trovejou a chuva choveu”.

(Choveu, choveu)/ Lula Calixto virando Mateus/ O bucho cheio de tudo que deu/ (Choveu, choveu)/ Suor e canseira depois que comeu/ Zabumba zunindo no colo de Deus/ Inácio e Romano meu verso e o teu/ Água dos olhos que a seca bebeu.

“Quando chove no sertão/ O sol deita e a água rola,/ O sapo vomita espuma/ Onde um boi pisa se atola/ E a fartura esconde o saco/ Que a fome pedia esmola”

Seu Boiadeiro por aqui choveu,/ Seu Boiadeiro por aqui choveu/ Choveu que amarrotou,/ Foi tanta água que meu boi nadou.

[Música que consta do CD *Cordel do Fogo Encantado*, p. 2000, gravado em Recife com a participação do percussionista Naná Vasconcelos. É a faixa de nº 6 do referido CD]

O temor pela ausência de inverno é grande; é o medo da fome. Faz a expectativa com as pedras de sal. Observa o céu; se a barra não vem, o desespero é grande. Se São José também não mandava a chuva, alguns vendiam tudo o que possuíam – a preços baixos para um fazendeiro – e se deslocavam para a cidade de São Paulo. Muitos eram pequenos proprietários, que vendiam seu pedaço de terra, a um grande proprietário, a qualquer preço. Por isto, a cada seca, a grande propriedade aumentava no Sertão. Pegavam um caminhão (pau-

de-arara) e se dirigiam para a capital paulista. Ali, um migrante sem formação para trabalhos urbanos, encontrava empregos com baixa remuneração, contraía dívidas, mas sempre com o desejo de voltar. Encontrava-se com outros migrantes em locais com manifestações culturais semelhantes às do Nordeste. Boa parte não conseguia encontrar uma vida diferente, exceto quanto ao clima. Isto é o que nos mostra a longa letra de Patativa do Assaré – cognome do cearense Antonio Gonçalves da Silva – da música *Triste Partida*:

A TRISTE PARTIDA (Patativa do Assaré)

Meu Deus, meu Deus/ Setembro passou/ Outubro e Novembro/ Já tamo em Dezembro/ Meu Deus, que é de nós, /
Meu Deus, meu Deus/ Assim fala o pobre/ Do seco Nordeste/ Com medo da peste/ Da fome feroz/ Ai, ai, ai, ai
A treze do mês/ Ele fez experiência/ Perdeu sua crença/ Nas pedras de sal, / Meu Deus, meu Deus/ Mas noutra
esperança/ Com gosto se agarra/ Pensando na barra/ Do alegre Natal/ Ai, ai, ai, ai
Rompeu-se o Natal/ Porém barra não veio/ O sol bem vermeio/ Nasceu muito além/ Meu Deus, meu Deus/ Na copa
da mata/ Buzina a cigarra/ Ninguém vê a barra/ Pois a barra não tem/ Ai, ai, ai, ai
Sem chuva na terra/ Descamba janeiro,/ Depois fevereiro/ E o mesmo verão/ Meu Deus, meu Deus/ Entonce o
nortista/ Pensando consigo/ Diz: “isso é castigo/ Não chove mais não”/ Ai, ai, ai, ai
Apela pra março/ Que é o mês preferido/ Do santo querido/ Senhor São José/ Meu Deus, meu Deus/ Mas nada de
chuva/ Tá tudo sem jeito/ Lhe fuge do peito/ O resto da fé/ Ai, ai, ai, ai
Agora pensando/ Ele segue outra tria/ Chamando a fãmia/ Começa a dizer/ Meu Deus, meu Deus/ Eu vendo meu
burro/ Meu jegue e o cavalo/ Nós vamos a São Paulo/ Viver ou morrer/ Ai, ai, ai, ai
Nós vamos a São Paulo/ Que a coisa tá feia/ Por terras alheia/ Nós vamos vagar/ Meu Deus, meu Deus/ Se o nosso
destino/ Não for tão mesquinho/ Cá e pro mesmo cantinho/ Nós torna a voltar/ Ai, ai, ai, ai
E vende seu burro/ Jumento e o cavalo/ Inté mesmo o galo/ Venderam também/ Meu Deus, meu Deus/ Pois logo
aparece/ Feliz fazendeiro/ Por pouco dinheiro/ Lhe compra o que tem/ Ai, ai, ai, ai
Em um caminhão/ Ele joga a fãmia/ Chegou o triste dia/ Já vai viajar/ Meu Deus, meu Deus/ A seca terrível/ Que tudo
devora/ Lhe bota pra fora/ Da terra natal/ Ai, ai, ai, ai
O carro já corre/ No topo da serra/ Oiando pra terra/ Seu berço, seu lar/ Meu Deus, meu Deus/ Aquele nortista/
Partido de pena/ De longe acena/ Adeus meu lugar/ Ai, ai, ai, ai
No dia seguinte/ Já tudo enfadado/ E o carro embalado/ Veloz a correr/ Meu Deus, meu Deus/ Tão triste, coitado/
Falando saudoso / Com seu filho choroso/ Exclama a dizer/ Ai, ai, ai, ai
De pena e saudade/ Papai sei que morro/ Meu pobre cachorro/ Quem dá de comer? / Meu Deus, meu Deus/ Já outro
pergunta/ Mãezinha, e meu gado? / Com fome, sem trato/ Mimi vai morrer/ Ai, ai, ai, ai
E a linda pequena/ Tremendo de medo/ “*Mamãe, meus brinquedo/ Meu pé de fulô?*”/ Meu Deus, meu Deus/ Meu pé
de roseira/ Coitado, ele seca/ E minha boneca/ Também lá ficou / Ai, ai, ai, ai
E assim vão deixando/ Com choro e gemido/ Do berço querido/ Céu lindo azul / Meu Deus, meu Deus/ O pai,
pesaroso/ Nos filho pensando/ E o carro rodando/ Na estrada do Sul / Ai, ai, ai, ai
Chegaram em São Paulo/ Sem cobre quebrado/ E o pobre acanhado/ Procura um patrão/ Meu Deus, meu Deus/ Só
vê cara estranha/ De estranha gente/ Tudo é diferente/ Do caro torrão / Ai, ai, ai, ai
Trabaia dois ano,/ Três ano e mais ano/ E sempre nos prano/ De um dia vortar/ Meu Deus, meu Deus/ Mas nunca
ele pode/ Só vive devendo/ E assim vai sofrendo/ É sofrer sem parar/ Ai, ai, ai, ai
Se alguma notícia/ Das banda do norte/ Tem ele por sorte/ O gosto de ouvir/ Meu Deus, meu Deus/ Lhe bate no
peito/ Saudade lhe molho/ E as água nos óio/ Começa a cair/ Ai, ai, ai, ai
Do mundo afastado/ Ali vive preso/ Sofrendo desprezo/ Devendo ao patrão/ Meu Deus, meu Deus/ O tempo
rolando/ Vai dia e vem dia/ E aquela fãmia/ Não vorta mais não/ Ai, ai, ai, ai
Distante da terra/ Tão seca mas boa/ Exposta à garoa/ A lama e o pau / Meu Deus, meu Deus/ Faz pena o nortista/
Tão forte, tão bravo/ Viver como escravo/ No Norte e no Sul/ Ai, ai, ai, ai

[*Triste Partida* foi gravada em 1964 por Luiz Gonzaga e se encontra no CD 2, da caixa *50 anos de Chão* (RCA/BMG, 1988); é a faixa 19. Patativa do Assaré é o cognome de Antonio Gonçalves da Silva, cearense de Assaré, que faleceu aos 93 anos em 2002. Foi um grande poeta popular nordestino.]

Com o mesmo espírito de saudade do Sertão, Patativa do Assaré compôs *Vaca Estrela e Boi Fubá*. Na letra, quem a relata também foi mandado

embora por uma seca medonha, em razão da falta de apoio do poder público a quem realmente necessita.

VACA ESTRELA E BOI FUBÁ (Patativa do Assaré)

Seu doutor, me dê licença/ Pra minha história contar/ Hoje eu to na terra estranha, / É bem triste o meu penar/ Eu já fui muito feliz/ Vivendo no meu lugar/ Eu tinha cavalo bom/ E gostava de campear/ Todo dia eu aboiava/ Na porteira do curral/ Eeeeiaaaa, êeee Vaca Estrela/ ôoooo Boi Fubá.

Eu sou filho do Nordeste,/ Não nego meu natura/ Mas uma seca medonha/ Me tangeu de lá pra cá/ Lá eu tinha o meu gadinho,/ Não é bom nem imaginar/ Minha linda Vaca Estrela/ E o meu belo Boi Fubá/ Aquela seca medonha/ Fez tudo se atrapalhar/ Eeeeiaaaa, êeee Vaca Estrela/ ôoooo Boi Fubá.

Não nasceu capim no campo/ Para o gado sustentar/ O sertão se estorricou,/ Fez o açude secar/ Morreu minha Vaca Estrela/ Se acabou meu Boi Fubá/ Perdi tudo quanto eu tinha,/ Nunca mais pude aboiar/ Eeeeiaaaa, êeee Vaca Estrela/ ôoooo Boi Fubá.

[Esta música pode ser encontrada em gravação de Pena Branca & Xavantinho. Está, por exemplo, no CD *Renato Teixeira, Pena Branca e Xavantinho: ao vivo em Tatuí* (Kuarup Discos, 19992, faixa 15); também no CD *Pena Branca e Xavantinho*, da série Warner 25 anos; é a faixa 11 desta coletânea feita em 2001 (a gravação desta faixa é de 1987).]

A letra da música a seguir também relata o problema da migração em razão da seca. Muita gente sai sempre com o desejo de voltar quando a chuva voltar a cair. Como sertanejo, já vê os sinais da seca na paisagem regional, como o marmeleiro que amarelou ou o olho d'água que esturricou, que secou, em um verbo usado normalmente para a vegetação.

A letra a seguir, de *Adeus, Maria Fulo*, passou a ser mais conhecida quando foi gravada pelos Mutantes no final da década de 60, fato que repetiram em uma gravação em Paris em 1970, que permaneceu durante muito tempo – até 1999 – sem a colocação à disposição do público brasileiro.

ADEUS, MARIA FULÔ (Humberto Teixeira/Sivuca)

Adeus, vou embora, meu bem/ Chorar não ajuda ninguém/ Enxugue seu pranto de dor/ Que a seca mal começou Adeus, vou embora, Maria/ Fulô do meu coração/ Eu voltarei qualquer dia/ É só chover no sertão/ E os dias da minha volta/ Eu conto na minha mão

Adeus, Maria Fulô/ Marmeleiro amarelou/ Adeus, Maria Fulô/ Olho d'água esturricou.

[A gravação desta música em CD pode ser encontrada em Sivuca – *Seleção de Ouro* (EMI, s/d, faixa 05) e também em *Tecnicolor*, dos Mutantes (p1999, Universal, faixa 10)]

Mesmo sem as chuvas de São José, o sertanejo não desanimava; encarava o fato e procurava reagir, abraçado à sua fé religiosa, ainda que procurasse se vingar dos santos que não o ajudaram. Acreditava ainda na eficácia do recurso

de contrariar os santos; em procissão, rezando e cantando, trocava as imagens dos santos, colocando, por exemplo, a imagem de São Sebastião na igreja do Senhor do Bonfim, este na de São José, ... e, enquanto não chovia, os santos não voltavam para

os seus devidos lugares. Sobre este fato, Edu Lobo e Chico Buarque compuseram a música *A permuta dos santos*. Feita em 1988 e gravada no mesmo ano pelo grupo Garganta Profunda, no LP *Dança*

da meia lua (Som Livre, 1988, lado A, faixa 3). Chico a gravou no LP *Chico Buarque*, de 1989 (RCA Victor, Lado A, faixa 5; e CD, s/d, faixa 5).

A PERMUTA DOS SANTOS (Edu Lobo/Chico Buarque)

São José de porcelana vai morar/ Na matriz da Imaculada Conceição/ O bom José desalojado/ Pode agora despertar/
E acudir os seus fiéis sem terra/ Sem trabalho e pão
Vai a Virgem de alabastro Conceição/ Na charola para a igreja do Bonfim/ A Conceição incomodada/ Vai ouvir nossa
oração/ Nos livrar da seca, da enxurrada/ E da estação ruim
Bom Jesus de luz neon sai do Bonfim/ Pra capela de São Carlos Borromeu/ O bom Jesus contrariado/ Deve se lembrar
enfim/ De mandar o tempo de fartura/ Que nos prometeu
Borromeu pedra-sabão vai por altar/ Pertencente à estrela-mãe de Nazaré/ A Nazaré vai de jumento/ Pro mosteiro de
São João/ E o Evangelista pra basílica/ De São José
Mas se a vida mesmo assim não melhorar/ Os beatos vão largar a boa-fé/ E as paróquias com seus santos/ Tudo fora
de lugar/ Santo que quiser voltar pra casa/ Só se for a pé.

Aquele grupo que Cunha denominava de sub-raça resistia heroicamente ao meio natural. A teleologia evolucionista e o determinismo do autor de *Os Sertões* eram contrariados por seu próprio texto. Seus relatos a respeito da ação dos sertanejos, dos que constituíam a *rocha viva da nacionalidade*, na luta contra a seca e contra as forças republicanas, demonstravam que não somente não eram uma raça frágil como também constituíam uma cultura diferente, marcante, própria e não europeizada - cultura esta que ele afirmava combater - como a da raça superior, a branca. Sem duvidar da Providência divina, pegava o enxadão e procurava “*nos estratos inferiores a água que fugia da superfície. Atinge-os às vezes; [...]; e outras vezes, o que é mais corrente, depois de desvendar tênue lençol líquido subterrâneo, o vê desaparecer um, dois dias passados, evaporando-se sugado pelo solo.*” (CUNHA, 1982a, p. 105) Mesmo assim resistia; era capaz de passar dias somente se alimentando com pequenas porções de paçoca. Pois, como afirmava o poeta João Cabral de Melo Neto (1920-1999) no poema **Na morte dos rios**, publicado no livro *A educação pela pedra* (MELO NETO, 1989, p. 11-12):

Desde que no Alto Sertão um rio seca,/ a
vegetação em volta, embora de unhas,/ embora
sabres, intratável e agressiva,/ faz alto à beira
daquele leito tumba./ Faz alto à agressão nata:
jamais ocupa/ o rio de ossos areia, de areia
múmia.

Desde que no Alto Sertão um rio seca,/ o homem
ocupa logo a múmia esgotada:/ com bocas de
homem, para beber as poças/ que o rio esquece,
e até a mínima água;/ com bocas de cacimba,
para fazer subir/ a que dorme em lençóis, em
fundas salas;/ e com bocas de bicho, para mais
rendimento/ de seu fossar econômico, de bicho
lógico./ Verme de rio, ao roer essa areia múmia,/
o homem adianta os próprios, póstumos.

Se o solo nada oferecia, procurava em seu
outro celeiro, as caatingas. Cortava em pedaços os
mandacarus e as ramas dos juazeiros para alimentar
os bovinos; com o caule do ouricuri, após ralar e
cozinhar, fazia um pão (*bró*), que inchava “*os ventres
num enfarte ilusório, empazinando o faminto*”
(CUNHA, 1982a, p. 105); arrancava as “*raízes
túmidas dos umbuzeiros, que lhe dessedentam os
filhos*” (Ibidem, p. 106) e outras medidas.

A seca despovoava o Sertão de siriemas, de jandaias, de asas-brancas, mas desentocava morcegos, cascáveis e suçuaranas, que roubavam o gado dos sertanejos e atacavam as pessoas. A ausência de inverno desorganizava a economia e instalava a fome, com todas as suas conseqüências: da perda de metade do peso, das oftalmias e osteopatias, até o fato de crianças, que já andavam, voltarem a engatinhar. A falta de vitamina A, aliada a outras deficiências alimentares, ampliava os casos de cegueira. “*Passada a quadra seca, o número de cegos que imploram a caridade pública no Nordeste aumenta de maneira alarmante.*” (CASTRO, 1957, p. 218) A cegueira noturna (hemeralopia) ficava comum. “*Mal o sol se esconde*

no poente a vítima nada mais vê. Está cega.” (CUNHA, 1982a, p. 106) E, no dizer deste último autor, quando a casca dos marizeiros, uma leguminosa, não transpira mais, o sertanejo sabe que as chuvas não virão. Aí ele se retira para o litoral; voltando a chover, “*ei-lo de volta. Vence-o saudade do sertão. Remigra.*” (Ibidem, p. 107) Outras vezes existirão novas transumâncias nordestinas, pois as causas não foram eliminadas.

Não se deseja sair da região, como já se viu; daí que se reza para chover, se torce para ver o filho crescer, ver o milho produzir para comer, ter um cavalo para correr, a plantação de algodão para vender. É isto que Sivuca canta em *Cabeça de Milho*:

CABEÇA DE MILHO (Sivuca/Paulinho Tapajós)

Tanta água no coco e o riacho tão seco e só/ O cercado é de toco e o arado é de pedra e pó/ Um cansaço na rede e uma sede de se estranhar/ Sei lá/ Um olhar para parede e uma prece pro céu chorar/ Sei lá.

Se pudesse o céu chover só a metade do que chove no meu coração/ Dava um lago pra beber e o chão virava neve de tanto algodão/ Via o trapiá crescer,/ E o gosto de rever moringa na janela/ Tanto milho pra colher, de nunca mais se vê o fundo da panela.

Tanta água no coco e o riacho tão seco e só/ O cercado é de toco e o arado é de pedra e pó/ Um cavalo novinho e um filho que vai chegar/ Sei lá/ Tem cabelo de milho e o brilho do sol no olhar/ Sei lá.

Se pudesse o céu chover só a metade do que chove no meu coração/ Dava um lago pra beber e o chão virava neve de tanto algodão/ Via o trapiá crescer,/ E o gosto de rever moringa na janela/ Tanto milho pra colher, de nunca mais se vê o fundo da panela.

[Disponível no CD *Sivuca – Seleção de Ouro – 20 Sucessos* (EMI, s/d); é a faixa de nº 04]

Grande parte do conhecimento do sertanejo pode ser ouvido com a audição da música *Uricuri* (*Segredo do sertanejo*), composta por pessoas que vivenciaram o Sertão, como José Cândido e João

do Vale. Ilustra bem o conhecimento empírico passando de pai para filho por gerações e a própria capacidade de sobrevivência do sertanejo, por conhecer o meio que habita.

URICURI (Segredo do Sertanejo) (João do Vale/José Candido)

Uricuri madurou/ E é sinal/ Que arapuá já fez o mel/ Catingueira fulurou/ Lá no sertão/ Vai cair chuva a granel/ Arapuá esperando/ Uricuri madurecer/ Catingueira fulorando/ Sertanejo esperando chover/ Lá no sertão/ Quase ninguém tem estudo/ Um ou outro que lá aprendeu ler/ Mas tem homem capaz de fazer tudo, doutor/ Que antecipa o que vai acontecer.

Catingueira fulora/ Vai chover/ Andorinha voou/ Vai ter verão/ Gavião se cantar/ É estiada/ Vai haver boa safra no sertão/ Se o galo cantar fora de hora/ É mulher dando fora, pode crer/ Acauã se cantar perto da casa/ É agouro, é alguém que vai morrer.

São segredos que o sertanejo sabe/ E não teve o prazer/ De aprender ler.

Uricuri madurou/ E é sinal/ Que arapuá já fez mel.

[*Uricuri (segredo do sertanejo)* pode ser encontrada, em gravação do Quinteto Violado, no CD *João Batista do Vale* (BMG, faixa 13), feito a partir de um LP gravado no início da década de 90. Os dois (LP e CD) não possuem a data de suas confecções.]

Cabe acrescentar que, apesar de todos os problemas, o clima tropical semi-árido, em áreas com solos de relativa fertilidade, possui algumas vantagens, para o desenvolvimento de determinados vegetais, que podem ser significativas. Entre elas podemos dizer que o ambiente é mais salubre - salubridade decorrente das baixas taxas de umidade relativa do ar e de altas taxas de ventilação - e, portanto, menos propício a pragas; pode proporcionar um crescimento mais rápido das plantas, permitindo uma safra mais rápida e/ou um maior número de colheitas; com irrigação, permite o plantio de culturas que são prejudicadas pelo excesso de chuvas. Além disso, a região possui muitas xerófitas de valor industrial, cujo plantio pode ser estimulado e até a conservação das vias de comunicação é maior. O

que não se deve é estimular o plantio de hidrófitas ou realizar uma política que possua como eixo central o combate à existência da seca. Pois o que maltrata a região não é somente a seca; é a miséria latente que permanece mesmo quando há *inverno* e que a seca apenas desnuda e exacerba, provocando comoções momentâneas no país devido à ação da mídia.

O que o sertanejo deseja é terra para plantar. As medidas tomadas pelo poder público normalmente ajudam à elite dominante; para os outros, fica no aspecto caritativo e toma medidas para segurar a mão-de-obra no local. Sobre isto, em parte, é o que versava a canção *Vozes da Seca* na interpretação de Luiz Gonzaga:

VOZES DA SECA (Luiz Gonzaga/Zédantas)

Seu doutô, os nordestinos/ Têm muita gratidão/ Pelo auxílio dos sulistas/ Nesta seca do sertão/ Mas doutô, uma esmola/ A um homem que é são/ Ou lhe mata de vergonha/ Ou vicia o cidadão

É por isso que pedimos/ Proteção a vosmicê/ Homi por nós escoido/ Para as rédeas do poder/ Pois doutô, dos vinte estados/ Temos oito sem chover,/ Veja bem, quase a metade/ Do Brasil tá sem comer

Dê serviço a nosso povo/ Encha os rios de barragem/ Dê comida a preço bão/ Não esqueça a açudagem/ Livre assim nós da esmola/ Que no fim dessa estiagem/ Lhe pagamos inté os juros/ Sem gastar nossa coragem

Si o doutô fizer assim/ Salva o povo do sertão/ Quando um dia a chuva vim/ Que riqueza pra nação/ Nunca mais nós pensa em seca/ Vai dar tudo neste chão,/ Como vê nossos destino/ Mecê tem na vossa mão/ Mecê tem na vossa mão

[*Vozes da Seca* foi gravada por Luiz Gonzaga em 1953. Na caixa de CDs *50 Anos de Chão* é a faixa de nº 12 do segundo CD]

No Sertão, no entanto, existem regiões mais úmidas, cognominadas de *Brejos*. Ocorrem, basicamente, em dois tipos de áreas. Em chapadas sedimentares, onde resultam das águas dos curtos períodos chuvosos que se infiltram e se acumulam em camadas subterrâneas, depois escoam pela encostas e aparecem como fontes perenes. É o que acontece na região do Cariri, no Ceará. Também aparecem em encostas cristalinas que conseguem

barrar a umidade oceânica trazida pelos ventos alísios de sudeste; provocadas por precipitações orográficas, ocorrem normalmente em superfícies extensas³, como acontece no Brejo Paraibano, no Planalto de Garanhuns e na Chapada Diamantina. Nos brejos normalmente eram cultivados milho, feijão e cana. Na cearense região do Cariri, destacava-se o plantio de algodão de fibra longa (seridó). Por suas características, ninguém desejava ir embora deste local.

ÚLTIMO PAU DE ARARA (Venâncio/Corumbá/J.Guimarães)

A vida aqui só é ruim/ Quando não chove no chão/ Mas se chover dá de tudo/ Fartura tem de montão/ Tomara que chova logo/ Tomara, meu Deus, tomara/ Só deixo o meu Cariri/ No último pau-de-arara/ Só deixo o meu Cariri/ No último pau-de-arara.

Enquanto a minha vaquinha/ Tiver o couro e o osso/ E puder com o chocoalho/ Pendurado no pescoço/ Vou ficando por aqui/ Que Deus do céu me ajude/ Quem sai da terra natal/ Em outro canto não pára/ Só deixo o meu Cariri/ No último pau-de-arara/ Só deixo o meu Cariri/ No último pau-de-arara. (bis)

[Gravada por Fagner em seu LP de estréia: *Manera Fru Fru, Manera*, de 1973. Disponível no CD *O Melhor de 2* (Universal, 2.000, CD 1, faixa 13).]

Os rios do Sertão são intermitentes ou temporários, de drenagem exorréica, muitos de

nascentes indefinidas, cujas causas residem no pequeno período de chuvas e na inexistência de

³ Às vezes, em micro-regiões serranas, como nas áreas pernambucanas dos municípios de Taquaritinga e de Triunfo.

lençóis freáticos que os garantam nas vazantes, em razão da pouca profundidade dos solos ou até de sua inexistência. Como as chuvas são torrenciais - pouco se faz para a retenção dessas águas na região -, as cheias são, muitas vezes, violentas. Após as chuvas, o leito do rio pode se transformar em *estrada* ou em local para plantio, para a realização da *agricultura de vazante*, em razão da maior umidade. Ilustram estes aspectos referentes a antes e depois das cheias, os trechos do livro de José Lins do Rego (1901-1957) intitulado *Menino de Engenho*:

O rio no verão ficava seco de se atravessar a pé enxuto. [...] Com a notícia dos relâmpagos nas cabeceiras, entraram a arrancar as batatas e os jerimuns das vazantes. [...] – É água muita! O rio vai às vargens. Vem com força de açude arrombado. [...] E por onde as águas tinham passado, espelhava ao sol uma lama cor de moeda de ouro: o limo que ia fazer a fartura dos novos partidos. (REGO, 1984, p. 68, 69 e 74)

O capítulo 13 deste mesmo livro (Ibidem, p. 67-75) é um bom texto para ilustrar as cheias dos rios temporários; refere-se ao rio Paraíba, no estado do mesmo nome, junto às cidades de Guarita, Itabaiana e Pilar. O papel das chuvas e a alegria - apesar da violência - que ela provoca, podem também serem ilustrados através destes trechos do capítulo “*Inverno*”, do livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos:

Fabiano estava de bom humor. Dias antes a enchente havia coberto as marcas postas no fim da terra de aluvião, alcançava as catingueiras, que deviam estar submersas. [...] ... a inundaçãocrescia, matava bichos, ocupava grotas e várzeas. Tudo muito bem. E Fabiano esfregava as mãos. Não havia perigo da seca imediata, que aterrorizara a família durante meses. [...] De repente um traço ligeiro rasgara o céu para os lados da cabeceira do rio, outros surgiram mais claros, o trovão roncara perto, na escuridão da meia noite rolaram nuvens cor de sangue. A ventania arrancara sucupiras e imburanas, houvera relâmpagos em demasia [...]. a chuva caíra, a cabeça da cheia aparecera arrastando troncos e animais mortos. [...]... quando as águas baixassem, tirariam do barreiro terra para vestir o esqueleto da casa. [...] O pasto cresceria no campo, as árvores se enfeitariam, o gado se multiplicaria. Engordariam todos, ele Fabiano, a mulher, os dois filhos e a cachorra Baleia. Talvez sinha Vitória adquirisse uma cama de lastro de couro. (RAMOS, 1998, p. 65, 66 e 67)

Um lugar que chove pouco, quando chove ela é violenta. Ou seja, quanto mais restrito é o período de chuvas, mais forte ela é. Por isso podem existir reclamações de sua violência. Ilustra isso a letra de *Súplica Cearense*, que fez sucesso na década de 1960:

SÚPLICA CEARENSE (Gordurinha/Nelinho)

Ó Deus, perdoe esse pobre coitado/ Que de joelhos rezou um bocado/ Pedindo pra chuva cair sem parar.
Ó Deus, será que o senhor se zangou/ E só por isso o sol arretirou/ Fazendo cair toda a chuva que há.
Senhor, eu pedi para o sol/ Se esconder um tiquinho/ Pedi pra chover/ Mas chover de mansinho/ Pra ver se nascia/
Uma planta no chão.
Ó Deus, se eu não rezei direito/ O senhor me perdoa/ Eu acho que a culpa foi/ Desse pobre que nem sabe/ Fazer oração.
Meu Deus, perdoe eu encher/ Os meus olhos de água/ E ter lhe pedido/ Cheinho de mágoa/ Pro sol inclemente/ Se arretirar
Desculpe, eu pedir a toda hora/ Pra chegar o inverno/ Desculpe eu pedir/ Para acabar com o inferno/ Que sempre queimou/ O meu Ceará.

[Uma gravação de *Súplica Cearense* pode ser encontrada na caixa *50 anos de chão* (RCA/BMG, 1988), no CD 3, em uma interpretação de Luiz Gonzaga, com a participação de Fagner; é a faixa de nº 14. A gravação é de 1984.]

Elvira Steffan observou que, nos rios de regime torrencial, na época das chuvas

as enxurradas varrem das vertentes grande quantidade de material e o acumula [sic] nos vales já entulhados. Acrescente-se ainda que, no Sertão, os rios têm as águas diminuídas pela evaporação, reduzindo seu poder de transporte, e o lençol de escoamento contribui, por sua vez, para ampliar consideravelmente os vales no sentido transversal. (STEFFAN, in: FIBGE, 1977, p. 122)

E, citando Lindalvo B. dos Santos, fez uma pequena análise dos problemas apresentados pela açudagem, mostrando que com as águas retidas ocorria

uma natural decantação do líquido que, perdendo rico material em suspensão, de valor para a agricultura, torna-se uma ‘água podre’ além de provocar o entulhamento do reservatório. [...] em função do clima e das condições naturais do solo raso e despido, deposita no açude considerável material de ‘assoreamento’ diminuindo a capacidade de armazenamento. Finalmente há a questão da salinização das águas dos açudes, prejudicando-as para irrigação. (STEFFAN, in: FIBGE, 1977, p. 125)

Cunha fez algumas referências explícitas ao rio Vaza-Barris⁴, que fica na região de Canudos (BA), que no *verão* se comportava como “*um ‘oued’ tortuoso e longo*” (1982a, p. 169). O

Vaza-barris, rio sem nascentes em cujo leito vivem gramíneas e pastam os rebanhos, não teria o traçado atual se corrente perene lhe assegurasse um perfil de equilíbrio, através de esforço contínuo e longo. [...] As mais das vezes ‘cortado’, fracionando-se em gânglios

estagnados, ou seco, à maneira de larga estrada poenta e tortuosa, quando cresce, ‘empazinado’, nas cheias [...] volve por algumas semanas águas barrentas e revoltas, extinguindo-se logo em esgotamento completo, vazando, como o indica o dizer português, [...]. É uma onda tombando das vertentes da Itiúba, multiplicando a energia da corrente no apertado dos desfiladeiros, e correndo veloz entre barrancos, ou entalada em serras, até Jeremoabo. (CUNHA, 1982a, p. 25)

Serpenteante na região, “*numa de suas voltas via-se uma depressão maior, circundada de colinas ... E atulhando-a, enchendo-a toda de confusos tetos incontáveis, um acervo enorme de casebres ...*” (Ibidem, p. 26); era Belo Monte. Perfil de equilíbrio, citado no texto de Cunha, é o nome que se dá à “*curva hiperbólica descrita por um curso d’água quando se verifica a existência de uma estabilidade nas condições hidrodinâmicas, isto é, o rio não escava nem aluviona.*” (GUERRA, 1975, p. 319). O perfil de equilíbrio é uma situação ideal, uma noção abstrata, até porque qualquer alteração nas condições hidrodinâmicas o alteraria e o ciclo de erosão recomeçaria. Por isso, nada garante sua existência, no sentido acima, se o Vaza-Barris fosse perene.

O sucesso de *Asa Branca* a partir de 1947 acabou por estimular a composição de Luiz Gonzaga e Zédantas em 1950: *A Volta de Asa Branca*. Música também significativa por demonstrar o papel que a chuva possui na região. Com o fim da seca, o retorno dos que partiram para o litoral nesta transumância nordestina e as alterações provocadas pelas chuvas no *inverno*. Rios correndo, vegetação verdejante, canto de pássaros, a possibilidade de plantar e a alegria. A música não entrava nas razões da pobreza, se limitando ao papel da pluviosidade e à transformação que ela provocava. Isso foi o que cantou Luiz Gonzaga:

⁴ O rio Vaza-Barris (ou Irapiranga), de 420 km, integra a Bacia do Leste. Vai da Bahia até Sergipe (sua foz é ao sul de Aracaju) e próximo à sua margem direita ficava o arraial de Canudos, que foi inundado pelo açude de Cocorobó, inaugurado em 1969.

A VOLTA DE ASA BRANCA (Luiz Gonzaga/Zédantas)

Já faz três noites/ Que pro norte relampeia/ A asa branca/ Ouvindo o ronco do trovão/ Já bateu asas/ E voltou pro meu sertão/ Ai, ai eu vou me embora/ Vou cuidar da prantação.

A seca fez eu desertar da minha terra/ Mas felizmente Deus agora se alembrou/ De mandar chuva/ De mandar chuva/ Pr'esse sertão sofredor/ Sertão das muié séria/ Dos homes trabaiador

Rios correndo/ As cachoeira tão zoando/ Terra moiada/ Mato verde, que riqueza/ E a asa branca/ Tarde canta, que beleza/ Ai, ai, o povo alegre/ Mais alegre a natureza

Sentindo a chuva/ Me arrecordo de Rosinha/ A linda flor/ Do meu sertão pernambucano/ E se a safra/ Não atrapaiá meus pranos/ Que que há, o seu vigário/ Vou casar no fim do ano

[Gravação original de Luiz Gonzaga realizada em 1950. Está no CD nº 1, de *50 anos de Chão* (RCA/BMG, 1988 – caixa com 3 CDs); é a faixa de nº 13.]

Quando ocorre o inverno, toda a região se altera. Tudo fica bonito, nem parecendo uma região semi-árida. Há paisagens que ficam parecidas com

áreas mais úmidas. Ilustra isto a letra de *Festa da Natureza*, cantada por Gereba no CD *Sertão*, de 2002, saído pela Paulus; é a faixa de nº 11.

FESTA DA NATUREZA (Gereba/Patativa do Assaré)

Chegando o tempo do inverno/ Tudo é amoroso e terno/ No fundo do Pai eterno/ Sua bondade sem fim./ Sertão amargo, esturricado./ Ficando logo transformado/ No mais imenso jardim/ Num lindo quadro de beleza./ Do campo até na floresta/ As aves lá se manifestam/ Compondo a sagrada orquestra/ Da natureza em festa./ Tudo é paz, tudo é carinho./ Na construção de seus ninhos/ Cantam alegres os passarinhos./ O camponês vai prazenteiro/ Plantar o seu feijão ligeiro/ Pois é o que vinga primeiro/ Nas terras do meu sertão./ Depois que o poder celeste/ Manda a chuva pro Nordeste/ De verde a terra se veste/ E corre água em borbotão./ A mata com seu verdume/ E as fulô com seu perfume/ Se enfeita com vaga-lumes/ Nas noites de escuridão./ Nessa festa alegre e boa/ Canta o sapo na lagoa/ O trovão no ar rebôa./ Com a força dessa água nova/ O peixe e o sapo na desova/ O camaleão que se renova/ No verde-cana, que cor!/ Grande cordão de borboletas/ Amarelinhas, brancas e pretas/ Fazendo tanta pirueta/ Com medo do bem-te-vi./ Entre a mata verdejante/ Seu pajé extravagante/ O gavião assartante/ Que vai atrás da juriti./ Nessa harmonia comum/ Num alegre zum zum zum/ Brincam todos os bichinhos./ Nessa harmonia comum/ Num alegre zum zum zum/ Brincam todos os bichinhos.

A letra de *Baião das Alagoas*, de Paraibinha, é bastante simples. Solicita, através de oração, a chuva e, atendidas as suas preces, agradece. No entanto, permite uma análise da chuva-criadeira: fina, ininterrupta, que umedece de modo adequado o solo e é boa para o plantio e para a

manutenção da vegetação. Chama também de Norte a região Nordeste, o que é muito comum pois muitos chegavam a dizer: “*eu vim lá do Norte*”, “*quero um dia voltar para o Norte*” e não era da Amazônia que estavam falando e sim do Polígono das Secas.

BAIÃO DAS ALAGOAS (Paraibinha)

Fiz uma prece a Deus pra chover no meu sertão/ O gado muge de sede, as plantas secam no chão/ Já não dá mandacaru no sertão das Alagoas/ Deus ouviu minha prece: choveu, ó Senhor, que coisa boa.

Chove chuva miudinha, chove chuva sem parar/ Quero ver planta nascer e meu povo ao meu norte voltar/ Quero ver mandacaru fulorar no sertão das Alagoas/ Deus ouviu minha prece: choveu, ó Senhor, que coisa boa.

[Encontrada no LP ou na fita cassete *Estradas*, da EMI-Odeon, de Paulo Diniz; é a faixa 01 do lado B]

Há, no entanto, um grande rio perene que atravessa parte do Sertão: o rio **São Francisco** (*Opara*, para os índios). Forma uma bacia com uma área de 645.000 km² – a segunda totalmente brasileira – e abarca 7,5% do território nacional. É importante devido suas quedas d’água aproveitáveis para a produção de energia elétrica, por ser único grande rio perene do Sertão Nordestino (água para população ribeirinha, agricultura, irrigação, ...), liga duas regiões populosas (NE e SE) e, apesar de planáltico, possui um longo trecho navegável (2.000 km) de Pirapora (MG) a Juazeiro (BA)/Petrolina (PE), com “gaiolas” com “carrancas” na proa.

Nasce na Serra da Canastra, em Minas Gerais, local de um parque nacional, o *Parque Nacional da Serra da Canastra*, criado em abril de 1972, com uma área de 71.525 ha e um perímetro de 173 km, situado a SW de MG – entre latitude S 20° 00’ e 20° 30’ e longitude W 46° 15’ e 47° 00’ –, abrangendo os municípios de S. Roque de Minas, Sacramento e Delfinópolis. A Serra da Canastra abriga várias nascentes e é o divisor das bacias do Paraná e São Francisco. O rio possui diversas hidrelétricas, como Três Marias (MG), Moxotó (BA/PE), Itaparica (BA/PE)⁵, Xingo (AL/PE)⁶, Sobradinho (BA) e Paulo Afonso (BA/AL). Esta última foi a primeira grande hidrelétrica do Nordeste, inaugurada durante o segundo período Vargas (1951-54). Delmiro Gouveia inaugurou uma pequena usina

neste local em 1913; aliás, parte da vida deste coronel pode ajudar na explicação de algumas causas da pobreza desta região.

Delmiro Gouveia (1863-1917) iniciou a vida de empresário no comércio de couros. Em 1880, em Recife, começou como caixeiro-comprador de diversas firmas estrangeiras do ramo; em 1898 já havia encampado a maioria das filiais em Pernambuco (ficou conhecido como o “*rei das peles do Nordeste*”). Por sua iniciativa, foi construído o Mercado Modelo de Recife (que, depois, foi queimado pela polícia por razões políticas). Também foi dono da maior refinaria de açúcar do país na época. Depois, “*raptou*” uma menor de idade (Eulina do Amaral Gusmão) e fugiu em 1903 para Pedra, um vilarejo próximo ao rio São Francisco no Sertão alagoano, onde comprou uma fazenda. Para enfrentar a seca, desviou cursos de rios e fez açudes para irrigar pastagens – para gado holandês e zebu – e algodão. Água para beber chegou a mandar vir do rio São Francisco em trem especial. Em 1910, obteve concessão para explorar uma usina hidrelétrica (e direito de explotar as terras secas e devolutas próximas) e isenção total de impostos para montar uma indústria de linhas. A usina entrou em operação em 1913 (equipamentos importados de Alemanha e Suíça – Recife só terá energia elétrica em 1914). A indústria (Fábrica de Linhas Estrela, cujo símbolo eram dois gigantes puxando um fio)

⁵ Itaparica, com 1.500 MW e um lago de 834 km², foi inaugurada em 1988. Seu lago inundou parte da história da região, “*desaparecendo*” com ruínas de missões jesuítas e franciscanas, igrejas antigas e outros vestígios de ocupação.

⁶ Xingó, com uma capacidade de 3.000 MW – duas vezes a capacidade de Tucuruí, com um lago 14 vezes menor –, situa-se a jusante de Paulo Afonso, entre AL/SE; o funcionamento teve início em 1994. Encravada em um “*canyon*”, é cercada por caatingas e a região foi palco ativo de cangaço.

começou a funcionar em 1914 (fios e linhas de alta qualidade). Para facilitar o escoamento, construiu, por sua própria conta, mais de 500 km de estradas, ligando Vila da Pedra a diferentes regiões do estado. Centenas de empregados moravam nesta que foi a primeira vila operária do Sertão e possuíam, entre outras coisas, três turnos de 8 horas-diárias, caixa de beneficência e uma espécie de 13º salário, instrução gratuita e obrigatória, com cursos noturnos para adultos.

Com o sucesso, uma companhia inglesa (*Machine Cotton*) tentou comprar o maior concorrente. Delmiro recusou e mandou instalar 2.000 teares para a confecção de tecidos. Ampliaram as conspirações contra ele, que culminaram com o seu assassinato (10/10/1917). Em 1929, os herdeiros foram “forçados” a vender a fábrica aos ingleses. Em 1930, máquinas e equipamentos foram desmontados e jogados na Cachoeira de Paulo Afonso. Virgulino Ferreira da Silva (1897-1938) – o cangaceiro pernambucano Lampião –, um de seus ex-empregados, dedicou-lhe os seguintes versos: “*Eu em toda a minha vida / Nunca fui cabra de peia / Antes de ser cangaceiro / Respeitei a vida alheia / Trabalhei e almocrevei / Pra seu Delmiro Gouveia.*”⁷

O cangaço foi significativo no Sertão, com o término do ciclo do cangaço (1870-1940) durante o Estado Novo (1937-45). No século XIX, *coronéis* do Sertão Nordestino formavam bandos armados para garantir seu mando em determinada região, com os chamados jagunços. Além destes, havia o morador do latifúndio que se comprometia a defender o patrão quando fosse necessário, em troca do trabalho na terra: o *cangaceiro manso*. O termo cangaceiro talvez derive de canga, aquela peça de madeira que prende os bois pelo pescoço e os liga ao carro ou arado, aí significando jugo, submissão ao coronel. No final do século XIX, o aumento da produção de algodão no Sertão encareceu o solo rural e dificultou a vida do camponês pobre. A famosa

seca de 1877-79 provocou a morte, pela fome, de mais de 300 mil pessoas e 600 mil cabeças de gado bovino, o aumento do latifúndio, a migração para a extração de látex na Amazônia, o início da inoperante política de combate às secas e o surgimento de bandos de cangaceiros autônomos; ou seja, independentes dos coronéis. João Calangro foi considerado o primeiro líder de um grupo de cangaceiros, seguido de Jesuíno Brilhante, conhecido, durante o período da *grande seca*, por roubar alimentos e distribuir à população. Na passagem para o século XX, a figura de destaque era Antonio Silvino, conhecido como *governador do Sertão*, que também distribuía parte dos saques às populações pobres. Em um confronto com uma *volante* em 1914, foi ferido, preso e condenado a trinta anos de prisão; dois anos antes do fim da pena, foi indultado por Vargas, por bom comportamento, vindo a falecer em 1944, na Paraíba.

Entretanto, o mais famoso chefe de cangaceiros foi Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, que liderou o principal grupo de cangaceiros do Nordeste entre 1920 e 1938. Percorreu vários estados do Nordeste e, ao contrário dos antecessores, ficou mais famoso pela truculência do que pela sua generosidade. Surpreendidos em seu esconderijo na fazenda do Angico, em Sergipe, ele, sua companheira Maria Bonita e os outros nove, foram mortos, decapitados e suas cabeças colocadas em latas de querosene com água e sal grosso; ficaram expostas em um quartel policial de Maceió e, depois de mumificadas, em um museu de Salvador, sendo enterradas anos depois. O herdeiro Corisco, o Diabo Loiro, cercado, preferiu também não se entregar. Sua companheira Dadá foi ferida e teve uma perna amputada; Corisco foi morto *de parabelo na mão* e com ele desaparecia, em 1940, o último dos grandes chefes do cangaço, mas não a concentração de terras e de poder no Sertão. Este último foi representado no filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, em 1964, de Glauber Rocha (1938-1981), e ganhou a letra da música mais conhecida da película.

⁷ Almocrevar = trabalhar em bestas de almocreve ou como almocreve. Almocreve = que conduz bestas de cargas.

PERSEGUIÇÃO (Sérgio Ricardo/Glauber Rocha)

Se entrega, Corisco!/ Eu não me entrego, não!/Eu não sou passarinho/ Pra viver lá na prisão/ (bis) Se entrega, Corisco!/ Eu não me entrego, não/ Não me entrego ao tenente/ Não me entrego ao capitão/ Só me entrego à morte/ De parabelo na mão/ Se entrega, Corisco!/
[– Se entrega, Corisco!] Eu não me entrego, não!/ Eu não me entrego, não!/ Eu não me entrego, não! [– Mais fortes são os poderes do povo!]

SERTÃO VAI VIRAR MAR (Sérgio Ricardo/Glauber Rocha)

Farreia, farreia povo/ Farreia até o sol raiar/ Mataram Corisco/ Balearam Dadá (bis)
O sertão vai virar mar/ e o mar virar sertão (bis)

Tá contada minha história/ Verdade-imaginação/ Espero que o senhor/ Tenha tirado uma lição/ Que assim mal dividido/ Esse mundo anda errado/ Que a terra é do homem/ Não é de Deus nem do Diabo/ Não é de Deus nem do Diabo/ Não é de Deus nem do Diabo.

[Gravadas originalmente em LP pela Forma (Lp FM-3) em novembro de 1964, na trilha sonora de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*. Podem ser encontradas no disco sonoro da História da Música Popular Brasileira – Sérgio Ricardo, nº 37, da editora Abril, lado 2, faixa 2.]

Outra música, além de caracterizar de maneira por demais genérica o homem do Sertão e pregar que contra o flagelo tem que se lutar com o parabelum (originado da máxima latina: *Si vis pacem, para bellum*), que é uma pistola automática de procedência alemã, também fez referências ao que faltava no país, muitas delas corretas, com exceção

de insistir na necessidade de tratar o Nordeste como o Sul, o que, dependendo de como se analisa, pode ser incorreto e fazer esquecer os reais problemas regionais. A gravação de Lenine é interessante por colocar uma fala de Corisco – citado na música anterior –, na voz de Othon Bastos, retirada do filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol*.

CANDEEIRO ENCANTADO (Lenine/Paulo César Pinheiro)

Lá no sertão cabra macho não ajoelha,/ Nem faz parrelha com quem é de traição,/ Puxa o facão, risca o chão que sai centelha,/ Porque tem vez que só mesmo a lei do cão.

É Lamp, é Lamp, é Lamp.../ É Lampião/ Meu candeeiro encantado.

Enquanto a faca não sai toda vermelha,/ A cabroeira não dá sossego não,/ Revira bucho, estripa corno, corta orelha,/ Que nem já fez Virgulino, o Capitão.

É Lamp, é Lamp, é Lamp.../ É Lampião/ Meu candeeiro encantado.

Já foi-se o tempo do fuzil papo amarelo,/ Pra se bater com o poder lá no sertão,/ Mas Lampião disse que contra o flagelo,/ Tem que lutar de parabelo na mão.

É Lamp, é Lamp, é Lamp.../ É Lampião/ Meu candeeiro encantado.

Falta o cristão/ Aprender com São Francisco./ Falta tratar/ O Nordeste como o Sul./ Falta outra vez/ Lampião, trovão, Corisco./ Falta feijão/ Invés de mandacaru, falei?/ Falta a nação/ Acender seu candeeiro./ Faltam chegar/ Mais Gonzagas lá de Exu./ Falta o Brasil/ De Jackson do Pandeiro./ Maculelê, Carimbó/ Maracatu.

É Lamp, é Lamp, é Lamp.../ É Lampião/ Meu candeeiro encantado.

[Presente no CD de Lenine *O dia em que faremos contato*, feito pela BMG, p1997; é a faixa de nº 03]

Na área existiu um Parque Nacional de Paulo Afonso, criado pelo governo federal em 1948, para preservar espécies animais e vegetais. Possuía 16.890 ha em áreas de AL, PE e BA. A cachoeira e a usina ficavam dentro desta área. Mais tarde, deixou de ser parque nacional. Sua foz situa-se entre Alagoas e Sergipe. Tem sido alvo de discussões em razão da tentativa de implantação de um antigo projeto de transposição de águas para solucionar a carência hídrica em parte do Sertão. Discutido desde o tempo do Senador Pompeu (1818-1877), constantemente retomado em plataformas políticas, é um projeto ambicioso e complexo: o Projeto de Transposição das Águas do São Francisco. Já sofreu diversas alterações. Um dos locais para a captação das águas seria em Cabrobó (PE). De Cabrobó (315 m de alt.) iria até Jati (CE – 475 m de alt.) e daí para rio dos Porcos, rio Salgado e rio Jaguaribe (115 km), necessitando subir 160 m. Outro local seria de Aurora (CE – rio Salgado) a Major Sales (RN – rio Apodi) para o rio Piranhas-Açu e o rio Apodi (120 km). A vazão mínima seria de 70 m³/seg (3% da vazão total), sendo 15 m³ (cada) para PE, PB e RN e 25 m³ para CE. O total de leitos perenizados seria de 2.100 km; entre eles, os dos rios Jaguaribe (CE), Piranhas-Açu (RN), Apodi-Mossoró (RN), Piancó-Paraíba (PE). Seriam beneficiados os estados de PE, PB, RN e CE (o mais beneficiado), abarcando 140 municípios e beneficiando uma população estimada em 6 milhões, um cálculo para alguns exagerado – calculam entre 500 mil e 1 milhão – mas que chega ao dobro nas fontes governamentais. A área seria de, aproximadamente, 750.000 km² (quase três vezes a área do estado de São Paulo). No total seriam 13 barragens de porte pequeno e médio.

Teria como aspectos positivos: a perenização de rios e a redução do déficit hídrico de áreas semi-áridas de CE, RN, PB e PE. O elevado custo, segundo seus defensores, seria semelhante (ou menor) à despesa que os poderes públicos têm com caminhões-pipa. Afirmavam ser mais barato que dessalgar a água do oceano pois o bombeamento da água é difícil (teria de subir um relevo de mais de 1.000 m de altitude e distribuir por quase 1.000 km

de extensão). Construir poços não seria adequado pois a maior parte do semi-árido é cristalina (quando têm água, muitos possuem água salgada). Entre os aspectos negativos dizem que existem opções mais simples e baratas, como poços e maior aproveitamento das águas das chuvas. Que haveria uma pequena diminuição da capacidade de geração de energia do S. Francisco e que a obra é muito cara frente aos benefícios oferecidos. Os 70 m³/seg (ou 50 m³/seg) da “*transposição*” são insuficientes para o NE setentrional. Nos últimos 50 anos, em 65% do tempo, a vazão tem ficado abaixo da média indicada no projeto. Para alguns, a solução seria a transposição das águas do Tocantins; também outra obra cara, apesar de a vazão média do Tocantins ser de 11.000 m³/seg. Mas, tecnicamente não é tão difícil e existe uma espécie de “*ligação natural*”.

Um dos críticos a este projeto é o geógrafo Aziz Nacib Ab’Saber, que não se colocava frontalmente contra, “*desde que seja feita de acordo com projetos bem elaborados e não demagógicos.*” (TAQUARI, 2.005, p. 2) Alertava para um problema importante: o rio São Francisco, que possui águas no médio vale em quantidade suportável, tem a mesma sazonalidade na região das caatingas e justamente no período de sua vazante é que teria que fornecer mais água para a transposição. Além disso, esta água transposta pode por em risco a cultura de vazante, que responde por grande parte da produção de alimentos e situa-se no único espaço que não pertence aos grandes proprietários. Falta ainda uma previsão adequada das áreas que podem receber a água por infiltração ou por aspersão ou por redistribuição. Ou seja, o projeto estaria muito falho de apreciações fundamentais.

Tem que se acrescentar que ainda (fevereiro de 2006) havia falta de um Relatório de Impacto Ambiental da bacia, que o percentual que será realmente atendido não parece ser superior a 10% da população do semi-árido (e, assim mesmo, talvez de modo precário) e que o eixo Norte – o maior – deve ser para irrigação. Água para o

consumo humano e animal, segundo o Comitê da Bacia do São Francisco, pode ser transportada desde que exista escassez comprovada, o que faria que esta obra não fosse necessária. É importante ainda que haja pressão para que ocorra o tratamento dos esgotos lançados no leito dos rios intermitentes, para que se crie matas-galerias ao longo dos cursos e para que ocorra uma desapropriação de terras para fins de reforma agrária nas duas margens para serem dedicadas à agricultura familiar.

Cabem ainda algumas questões: A quem vai servir esta transposição? Como impedir que a maior parte da água desviada não vá para o oceano? Os solos junto aos rios que serão perenizados possuem potencial para irrigação? Como a água será gerida? Não há o risco de ser apropriada pelos grandes proprietários? Se feita, a obra tem que ser acompanhada de mudanças estruturais; de pouca

ajuda será se pobreza, fome, concentração fundiária etc. não forem, ao mesmo tempo, atacadas. O projeto precisa incluir: replantio de arbóreas em MG, preservação dos mananciais hídricos, plantio e manutenção de matas-ciliares, estabelecimento de limites de uso para irrigação, cooperativas etc.

A água para este projeto seria retirada do lago da hidrelétrica de Sobradinho, usina que alterou a vazão da água do rio São Francisco, facilitou a navegação, estimulou a agricultura irrigada em suas margens, diminuiu a fertilização natural do rio em suas várzeas, e criou problemas para peixes que dependem da piracema. Até o final do século XX, formou o maior represamento de água do país (3.970 km²), inundou dezenas de povoados, quatro cidades e deslocou, aproximadamente, 70 mil pessoas. Esta música de Sá e Guarabyra abordou este e outros problemas:

SOBRADINHO (Sá/Guarabyra)

O homem chega e já desfaz a natureza/ Tira gente, põe represa, diz que tudo vai mudar/ O São Francisco lá pra cima da Bahia/ Diz que dia menos dia vai subir bem devagar/ E passo a passo vai cumprindo a profecia/ Do beato que dizia que o Sertão ia alagar.

O Sertão vai virar mar, dá no coração/ O medo que algum dia o mar também vire Sertão/ Vai virar mar, dá no coração/ O medo que algum dia o mar também vire Sertão.

Adeus Remanso, Casa Nova, Sento Sé/ Adeus Pilão Arcado, vem o rio te engolir/ Debaixo d'água, lá se vai a vida inteira/ Por cima da cachoeira o gaiola vai subir/ Vai ter barragem no Salto do Sobradinho/ E o povo vai s'embora com medo de se afogar.

O Sertão vai virar mar, dá no coração/ O medo que algum dia o mar também vire Sertão/ Vai virar mar, dá no coração/ O medo que algum dia o mar também vire Sertão.

Remanso, Casa Nova, / Sento Sé, Pilão Arcado, adeus, adeus/ Sobradinho, adeus, adeus, adeus, adeus, ...

[Esta música foi gravada, pela primeira vez, por Sá e Guarabyra, no LP *Pirão de peixe com pimenta* (Som Livre), em 1977. Está presente nas coletâneas da dupla.]

Além da relação com a frase atribuída a Antonio Conselheiro, o cearense Antonio Vicente Mendes Maciel (1830-1897), o *beato* citado, faz menção à embarcação típica do rio (gaiola) e às cidades inundadas (Remanso, Casa Nova, Sento Sé, Pilão Arcado), que foram substituídas por outras, com o mesmo nome, construídas pela empresa responsável. Debaixo da água ficaram identidades,

referências das vidas dos habitantes. Cemitério, casas, quintais, bares, igrejas, ruas – importantes para as pessoas – ficaram submersos. Isto normalmente é esquecido: a importância do local para as pessoas, notadamente em cidades menores. Estas pessoas foram reassentadas distantes do local anterior e contra a vontade da maioria “(além da relação econômica entre o homem e o meio ou

espaço por ele habitado, existem relações de afeição pelo lugar – o espaço encerra história de vida.” (ADAS, 1998, p. 318) Aliás, também pode ser útil para discutir a situação do rio São Francisco, o poema *Águas e Mágoas do Rio São Francisco*, do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade (1902-1987).

No norte imediato do arraial de Belo Monte, junto à margem esquerda do Vaza-Barris, se inicia uma região conhecida pelo nome de Raso da Catarina, um bolsão que permaneceu imune à ocupação colonial, habitado somente, e há muito, pelos sertanejos descendentes dos índios pankararé (ou burgos), os poucos capazes de conviver com as caatingas, os imensos areais, os profundos canhões (*canyons*) e as chuvas raras e torrenciais. Possivelmente, os índios da nação pankararé ali entraram após a chegada dos colonizadores europeus. Muitos se miscigenaram com negros de quilombos da região mas a marca do índio no sertanejo é mais marcante; grande parte, inclusive, fala um dialeto pankararé. Vivem da agricultura de subsistência (milho, feijão - consorciados -, aipim e jerimum, plantados logo após as chuvas nos leitos secos) e criação de bovinos e caprinos. As casas de taipa geralmente possuem uma pequena calha (de casca de árvore ou folha-de-flandres) para recolher água de chuva em potes ou poços de alvenaria. Objetos de barro, tão comuns em outras áreas do Polígono, são raros em razão da dificuldade de se encontrar argila nos areais.

Em 1976 foi criada a Reserva Ecológica do Raso da Catarina, com uma área de 100 mil hectares, não abrangendo toda a área do tabuleiro que forma o Raso da Catarina. Suas condições pedológicas e climáticas sempre foram impedoras da prática agrícola e do estabelecimento de povoações. Forma um quadrilátero de, aproximadamente, cinco mil quilômetros quadrados, limitado ao norte pelo rio São Francisco, ao sul pela estrada que liga Canudos o Jeremoabo, a leste pela rodovia BR-110 e a oeste pela BR-116. “*O nome Raso provém de sua própria morfologia: um tabuleiro de terras rasas, basicamente formadas*

por arenitos desagregados, com grande capacidade de drenagem: isto é, absorvem as águas de chuva com espantosa rapidez, mantendo o solo permanentemente seco.” (CARVALHO; SILVA, 1988, p. 14) O nome Catarina pode ter se originado da velha Fazenda Catarina, uma das poucas existentes nos limites da região. Algumas lendas afirmam que Catarina era o nome de uma mulher corajosa que ali fundou a fazenda, lutou contra a seca e as nuvens de gafanhotos que atacavam as lavouras, mas foi derrotada pela seca, enlouqueceu e desapareceu no Raso; mas seu espírito ainda vaga pelos *canyons*, protegendo os animais e a pouca lavoura.

No Raso da Catarina o solo seco, o areal imenso, onde parece que nada pode brotar, é recoberto por um emaranhado de arbustos, cipós, palmeiras, bromélias e cactáceas. “*Durante a maior parte do ano a paisagem é acinzentada, apenas pontilhada aqui e ali pelo verde desbotado dos cactos ou das bromélias. Mas basta uma chuva leve para que o Raso inteiro se torne de um verde intenso.*” (Ibidem, p. 54) Nas paredes dos canhões, a ação erosiva dos ventos e das águas escavaram grutas que se transformaram em moradas para diversos animais; as maiores, de abrigo contra o sol para viajantes ou de esconderijos para furtivos. Nas encostas mais úmidas dos trechos mais apertados do leito dos rios (*talhados*), onde dificilmente bate o sol (as chamadas *faces noruegas*) é possível encontrar a verde e suculenta palma, planta que chega a ser cultivada como suplemento alimentar para os animais. No Raso, toda planta, do cipó ao capim, possui espinho; ou, pelo menos, folha de bordas cortantes. Mas, com as chuvas - entre maio e agosto -, até capim chega a ter flor. E quase todas as plantas possuem um papel significativo na sobrevivência do homem da região.

Belos torreões areníticos esculpido pela ação eólica, inscrições rupestres nos paredões de arenito macio das cavernas, animais típicos, incrível adaptação botânica, caracterizam a área. Notícias falsas, no período colonial, da existência de ouro nos leitos secos e cascalhos da região atraíram

garimpeiros para o local, o que fez com que começasse a ser conhecido. Bem mais tarde, começou a ser usado como esconderijo de fugitivos; foi usado, inclusive, pelo bando de Lampião, pois a vegetação fechada das áreas baixas, o areal seco, as cavernas, a ausência de água e de estradas, a ajuda dos sertanejos do local, dificultavam a perseguição policial. Já andaram estudando a possibilidade de transformar o Raso em *esconderijo* de lixo radioativo. Região quente e árida, com temperaturas médias anuais em torno de 25°C, possui chuvas concentradas em 10 ou 12 dias - entre maio e agosto, e somente em anos muito generosos o total pluviométrico anual se aproxima de 400 mm -, o que impede a existência de rios perenes. O Vaza-Barris, por causa do açude de Cocorobó, possui um tempo

maior de água contínua; os outros são riachos de vida muito curta, chegando alguns a existir por somente algumas horas, com um padrão de drenagem arréica, à semelhança dos *ueds* saarianos.

Essas características fizeram do Raso da Catarina um aliado no isolamento e na dificuldade de se atingir o arraial de Canudos pelo norte e nordeste. Entretanto, existem poucas letras de músicas que se referem à região. Pesquisando em discos de MPB, só foi encontrada uma música gravada em estúdio. Foi *Um dia*, feita por Caetano Veloso e gravada em 1967 no disco *Domingo*, dele e da Gal Costa. É somente uma citação da região, sem uma menção específica a respeito de suas características.

UM DIA (Caetano Veloso)

Como um dia numa festa/ Realçavas a manhã/ Luz de sol, janela aberta/ Festa e verde o teu olhar
Pé de avenca na janela/ Brisa verde, verdejar/ Vê se alegra tudo agora/ Vê se pára de chorar
Abre os olhos, mostra o riso/ Quero, careço, preciso/ De ver você se alegrar/ Eu não estou indo-me embora/ Tou só preparando a hora/ De voltar
No rastro do meu caminho/ No brilho longo dos trilhos/ Na correnteza do rio/ Vou voltando pra você
Na resistência do tempo/ No tempo que vou e espero/ No braço, no pensamento/ Vou voltando pra você
No Raso da Catarina/ Nas águas de Amaralina/ Na calma da calmaria/ Longe do mar da Bahia,/ Limite da minha vida,/ Vou voltando pra você
Vou voltando como um dia/ Realçavas a manhã/ Entre avencas verde-brisa/ Tu de novo sorrirás
E eu te direi que um dia/ As estrelas voltarão/ Voltarão trazendo todos/ Para a festa do lugar
Abre os olhos, mostra o riso/ Quero, careço, preciso/ De ver você se alegrar/ Eu não estou indo embora/ Tou só preparando a hora/ De voltar/ De voltar

[Gravada no LP *Domingo*, de 1967; é a faixa 04 do lado A]

Outra referência é uma letra do grupo Uskarafobia, uma banda de Paulo Afonso (BA), de estilo *new metal*, que até outubro de 2005 não havia ainda gravado, oficialmente e em estúdio, um CD.

Na citação a seguir, no final da letra de *Correndo Risco*, foi colocada a fuga para o Raso como uma possibilidade e uma sina.

CORRENDO RISCO (Silvio Junior)

Mentalizo a minha angústia em livros de cordel/ Minha cabeça dispensando meu problema ao léu/
Dissertando esse chão seco/ quem sabe ser mais cult
Pouca tecnologia remédios de mastruz/ Crescendo sem antibióticos em meio a herbocinética/ Ainda não a
tive a sorte/ Em conhecer a cibernética
Carbonizo a sua idéia antes que você forme/ Tudo que era limpo de repente se transforme/ Sempre estou
correndo risco/ Na quebrada ou na cidade/ Eu não sei o que dizer mas antes tanto faz/ Não ouviram a
minha voz fingindo entender/ Refletindo a tua imagem mas cego incapaz
Se eu tô no trecho é pra ganhar ou pra perder/ O que resta a mim, a luz que eu não tenho mais/ Mas não
esqueço de lembrar sempre da sorte/ Até que durma sem pensar se vem a morte/ Como a onça que pega
o bode/ Tem homem que corre e foge/ Velho Ford ele viaja/ No meio da embolada se rolar também toada/
O cabra não foge de graça/ Se fugir é lá pro Raso/ Mas também não é o caso/ Do Raso da Catarina no
meio desta caatinga/ O cabra pagando uma sina.

Se é difícil encontrar referências musicais diretas sobre o Raso, sobre a semi-aridez da região nordestina, como se viu, é bem mais fácil. Para encerrar esta contribuição ao estudo do clima nordestino, será inserida a letra que Chico Buarque fez em 1972 (para o filme *Quando o Carnaval Chegar*) para a música *Baioque*, uma tentativa de

misturar o baião com o *rock and roll*. Colocou nela aspectos referentes às características físicas do Sertão, sobre a secura do leito dos rios temporários, as fendas comuns no solo ressequido, a chuva surpreendendo o verão – já que é rara neste período – e as cheias de inverno, típicas da região; além dos diversos usos do termo rio.

BAIOQUE (Chico Buarque)

Quando eu canto/ Que se cuide/ Quem não for meu irmão/ O meu canto/ Punhalada/ Não conhece o perdão/ Quando eu rio.
Quando rio/ Rio seco/ Como é seco o sertão/ Meu sorriso/ É uma fenda/ Escavada no chão/ Quando eu choro.
Quando choro/ É uma enchente/ Surpreendendo o verão/ É o inverno/ De repente/ Inundando o sertão/ Quando eu amo.
Quando amo/ Eu devoro/ Todo o meu coração/ Eu odeio/ Eu adoro/ Numa mesma oração/ Quando eu canto.
Mamie, não quero seguir/ Definindo sol a sol/ Me leva daqui/ Eu quero partir/ Requebrando um rock and roll/ Nem quero saber/ Como se dança o baião/ Eu quero ligar/ Eu quero um lugar/ Ao som de Ipanema, cinema e televisão.

[Gravada por Maria Bethânia no LP *Quando o Carnaval Chegar* (Philips, p1972, lado A, faixa 02)]

As soluções para o semi-árido passam por pesquisa e capacitação. Plantas se adaptaram à região – como o mandacaru que modificou sua estrutura para conter mais água ou o umbuzeiro que transformou raízes em batatas repletas de água – e o ser humano pode fazer o mesmo. Barragens subterrâneas e sucessivas, barramento de rochas para evitar perda de terra, plantio de palmas

resistentes à seca e outros, são experiências adequadas. Para muitos, a solução para a sede e a saúde da população do Sertão Nordestino está na construção de cisternas caseiras. Segundo defensores da *Campanha pela Convivência com o Semi-Árido Brasileiro*, em uma casa de 80 m² caem 40.400 litros e em uma de 40 m² caem 20.000 litros, conforme texto da Caritas (2001). A cisterna

coletaria a água dos telhados e a deixaria livre da evaporação para um período de oito meses. Não é a solução para todos os problemas, mas evita a sede e muitas doenças infantis como a diarreia. Também resolveria uma questão de gênero, visto que o trabalho de abastecer a família com água no Sertão é tarefa de mulher, que precisa andar quilômetros por dia e, por ser um trabalho pesado, o carregar as latas d'água na cabeça, além de consumir muitas horas de trabalho, provoca, por exemplo, o engrossamento do pescoço e problemas de coluna. A meta da campanha é a construção de 1 milhão de cisternas caseiras no Sertão. Construíram, até março de 2005, próximo de 35.000 unidades. O custo estimado, no mesmo período, era entre R\$ 1.000 e R\$ 1.500. É uma solução para a carência hídrica, embora todo o problema da região necessite que se ataque outros problemas fundamentais como a concentração fundiária, o poder do coronelismo (modernizado ou não), a visão que as pessoas tem da região como homogênea, a presença de monoculturas, o baixo investimento em educação e outras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAS, Melhem. **Panorama Geográfico do Brasil:** contradições, impasses e desafios sócioespaciais. 3ª ed. reform. São Paulo: Moderna, 1998.
- ANDRADE, Gilberto Osório de. *Os climas*. In: AZEVEDO, Aroldo (org.) **Brasil: a terra e o homem**. V.I: as bases físicas. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972, p.397-462.
- BERTOLLI FILHO, Cláudio. **História da saúde pública no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1999 (s. História em movimento).
- BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **Nova delimitação do semi-árido brasileiro**. Disponível em: <http://www.integracao.gov.br>. Acesso em 04 dez. 2005, 11:45.
- CARITAS Brasileira, COMISSÃO Pastoral da Terra, FIAN/Brasil. **Água da chuva: o segredo da convivência com o semi-árido**. São Paulo: Paulinas, 2001.
- CARVALHO, Murilo; SILVA, Silvestre P. **Raso da Catarina**. São Paulo: Refinações de Milho, Brasil Ltda., 1988.
- CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- CHACON, Vamireh. **História dos partidos brasileiros**. 3ª ed. (ampl. e atualizada) Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Campanha de Canudos. São Paulo: Abril Cultural, 1982a.
- _____. **Euclides da Cunha:** seleção de textos. São Paulo: Abril Educação, 1982b (c. Literatura comentada).
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FIBGE. **Geografia do Brasil:** região nordeste. Rio de Janeiro: SERGRAF-IBGE, 1977, v.2.
- GIL, Gilberto. **Todas as letras**. (organização: Carlos Rennó) São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GRESSWELL, R. Kay. **Physical Geography**. 2ª ed. London: Longman, 1979.
- GUERRA, Antonio Teixeira. **Dicionário geológico-geomorfológico** 4ª ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1975.
- MAGNOLI, Demétrio; ARAÚJO, Regina. **A nova geografia:** estudos de geografia do Brasil. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1997.
- MELO NETO, João Cabral. **Morte e Vida Severina e outros poemas em voz alta**. 15ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.
- _____. **Antologia Poética**. 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

_____. **Obra completa.** Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1995.

MOLION, Luiz Carlos Baldicero. Secas: o eterno retorno. **Ciência Hoje.** Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência: maio/junho de 1985, v. 3, n. 18, p. 26-32.

NIMER, Edmon. **Climatologia do Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, 1979 (s. Recursos Naturais e Meio Ambiente, 4).

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas.** 74^a ed. São Paulo: Record, 1998.

REGO, José Lins do. **Menino do Engenho.** 33^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ROSS, Jurandyr L. Sanches (org). **Geografia do Brasil.** São Paulo: EDUSP, 1996 (c. Didática, 3).

SAMPAIO, José Levi Furtado. **A fome e as duas faces do estado do Ceará.** 1999. 178 f. Tese (doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1999.

TAQUARI, Carlos. Um olhar para o futuro. **Ensino Superior.** Nº 80, 25/05/2005. Endereço: <http://www.revistaensinosuperior.com.br/textos.asp>, código: 10.798, acessada em 09/07/2005, às 15:50.

VILLA, Marco Antonio. **Canudos: o campo em chamas.** São Paulo: Brasiliense, 1992 (c. Tudo é História, 142).

REFERÊNCIAS A DOCUMENTOS SONOROS (LPs e CDs)

ASSARÉ, Patativa do. A Triste Partida. Intérprete: Luiz Gonzaga. In: LUIZ GONZAGA. **50 anos de chão.** São Paulo: RCA/BMG, p.1988, 3 CDs, CD 2, faixa 19.

ASSARÉ, Patativa do. Vaca Estrela e Boi Fubá. Intérpretes: Pena Branca & Xavantinho. In:

_____. **Pena Branca & Xavantinho.** S/l: Warner, p2001, 1 CD, faixa 11 (série Warner 25 anos; gravação da faixa: 1987). Também encontrada em Renato Teixeira, *Pena Branca e Xavantinho.* **Ao vivo em Tatuí.** Rio de Janeiro: Kuarup Discos, 1992, 1 CD, faixa 15.

BUARQUE, Chico. Baioque. Intérprete: Maria Bethânia. In: CHICO BUARQUE. **Quando o Carnaval Chegar.** São Paulo: Philips, p1972, 1 disco sonoro, lado A, faixa 02.

BUARQUE, Chico; LOBO, Edu. A permuta dos santos. Intérprete: Chico Buarque. In: _____. **Chico Buarque.** São Paulo: RCA Victor/BMG, p1989, 1 disco sonoro, Lado A, faixa 5 [e São Paulo: RCA Victor/BMG, p1989, 1 CD, faixa 5] Também gravada em 1988 pelo grupo Garganta Profunda, no LP *Dança da meia lua* (Rio de Janeiro: Som Livre, p1988, 1 disco sonoro, lado A, faixa 3).

CANDIDO, José; VALE, João do. Uricuri (Segredo do Sertanejo). Intérprete: Quinteto Violado. In: Diversos. **João Batista do Vale.** Barueri (SP): RCA/BMG, s/d, 1 CD, faixa 13.

GEREBA; ASSARÉ, Patativa do. Festa da Natureza. Intérprete: Gereba. In: GEREBA. **Sertão.** São Paulo: Paulus, p2002, 1 CD, faixa 11.

GIL, Gilberto. Coragem pra Suportar. Intérpretes: Gilberto Gil e Os Mutantes. In: GILBERTO GIL. **Gilberto Gil.** São Paulo: Philips/Universal, p. 1998, 1 CD, faixa 02 [LP Philips, 1968, lado A, faixa 02]

GIL, Gilberto. Procissão. Intérprete: Gilberto Gil. In: _____. **Louvação.** São Paulo: Philips, p1987, 1 disco sonoro, lado B, faixa 06. [Regravada: Gilberto Gil e Os Mutantes. In: **Gilberto Gil.** São Paulo: Philips, p1968, 1 disco sonoro, lado B, faixa 2, transformado em CD – em 1998 –, faixa 7. Também presente em diversas coletâneas em CD do autor como *Personalidade* – Polygram, 1987, faixa 4 –, *Millennium* – Polygram, 1998, faixa 4 – e *Sem Limite* – Universal, 2001, CD 1, faixa 03.]

GONZAGA, Luiz; TEIXEIRA, Humberto. Asa Branca. Intérprete: Luiz Gonzaga. In: LUIZ GONZAGA. **50 anos de chão**. São Paulo: RCA/BMG, p.1988, 3 CDs, CD 1, faixa 04.

GONZAGA, Luiz; TEIXEIRA, Humberto. Paraíba. Intérprete: Luiz Gonzaga. In: LUIZ GONZAGA. **50 anos de chão**. São Paulo: RCA/BMG, p.1988, 3 CDs, CD 1, faixa 17.

GONZAGA, Luiz; ZÉDANTAS. A Volta de Asa Branca. Intérprete: Luiz Gonzaga. In: LUIZ GONZAGA. **50 anos de chão**. São Paulo: RCA/BMG, p.1988, 3 CDs, CD 1, faixa 13.

GONZAGA, Luiz; ZÉDANTAS. O Xote da Meninas. Intérprete: Marisa Monte. In: MARISA MONTE. **Barulhinho Bom**. Guarulhos (SP): EMI, p.1996, 1 CD, faixa 11.

GONZAGA, Luiz; ZÉDANTAS. Vozes da Seca. Intérprete: Luiz Gonzaga. In: LUIZ GONZAGA. **50 anos de chão**. São Paulo: RCA/BMG, p.1988, 3 CDs, CD 2, faixa 12.

GORDURINHA; NELINHO. Súplica Cearense. Intérpretes: Luiz Gonzaga e Fagner. In: LUIZ GONZAGA. **50 anos de chão**. São Paulo: RCA/BMG, p.1988, 3 CDs, CD 3, faixa 14.

JOBIM, Antonio Carlos. Pato Preto. Intérprete: Família Jobim. In: **Família Jobim**. [Rio de Janeiro:] Movieplay, p1993. 1 CD, faixa 06.

LENINE; PINHEIRO, Paulo César. Candeeiro Encantado. Intérprete: Lenine. In: LENINE. **O dia em que faremos contato**. Barueri (SP): BMG, p1997, 1 CD, faixa 03.

LIRINHA; BARROS, Clayton. Chover (ou Invocação Para um Dia Líquido). Intérprete: Cordel do Fogo Encantado. In: **Cordel do Fogo Encantado**. Recife: Trama (distribuição), p2.000, 1 CD, faixa 06.

LYRA, Carlos; MORAES, Vinícius de. Pau-de-arara. Intérprete: Ary Toledo. In: CARLOS LYRA.

História da Música Popular Brasileira. São Paulo: Abril Cultural, p1971, nº 28, 1 disco sonoro, lado A, faixa 1.

MORAES, Guio de; GONZAGA, Luiz. São João do Carneirinho. Intérprete: Luiz Gonzaga. In: LUIZ GONZAGA. **50 anos de chão**. São Paulo: RCA/BMG, p.1988, 3 CDs, CD 2, faixa 08.

NEVES, Waldir. A seca de 1932. Intérprete: Paulo Diniz. In: PAULO DINIZ. **Estradas**. São Bernardo do Campo (SP): EMI-Odeon, p.1976. 1 cassete sonoro, lado 1, faixa 03.

PARAIBINHA. Baião das Alagoas. Intérprete: Paulo Diniz. In: PAULO DINIZ. **Estradas**. São Bernardo do Campo (SP): EMI-Odeon, p.1976. 1 cassete sonoro, lado 2, faixa 01.

RICARDO, Sérgio; ROCHA, Glauber. Perseguição/O Sertão vai virar mar. Intérprete: Sérgio Ricardo. In: SÉRGIO RICARDO. **História da Música Popular Brasileira**. São Paulo: Abril Cultural, p1971, nº 37, 1 disco sonoro, lado 2, faixa 2.

SÁ; GUARABYRA. Sobradinho. Intérpretes: Sá e Guarabyra. In: _____. **Pérolas**. Barueri (SP): Som Livre, p.2000, 1 CD, faixa 03 [Gravada, pela primeira vez, por Sá e Guarabyra, no LP *Pirão de peixe com pimenta*, pela Som Livre, em 1977]

SCIENCE, Chico. Da lama ao caos. Intérprete: Chico Science e Nação Zumbi. In: CHICO SCIENCE e NAÇÃO ZUMBI. **Da lama ao caos**. Recife: Chaos, p1993, 1 CD, faixa 07.

SIVUCA; TAPAJÓS, Paulinho. Cabeça de Milho. Intérprete: Sivuca. In: _____. **Sivuca – Seleção de Ouro – 20 Sucessos**. Guarulhos (SP): EMI, s/d, 1 CD, faixa 04. [gravação de 1981, pela Copacabana]

SIVUCA; TEIXEIRA, Humberto. Fogo Pagô. Intérprete: Sivuca. In: _____. **Sivuca – Seleção de Ouro – 20 Sucessos**. Guarulhos (SP): EMI, s/d, 1 CD, faixa 15. [gravação de 1978, pela Copacabana]

TAVARES, Bráulio; NOVA, Ivanildo Vila. Nordeste Independente (Imagine o Brasil). Intérprete: ELBA RAMALHO. In: Elba Ramalho. **Minha História**. São Paulo: Polygram, s/d, 1 CD, faixa 04 (gravação de 1984)

TEIXEIRA, Humberto; SIVUCA. Adeus, Maria Fulô. Intérprete: Mutantes. In: MUTANTES. **Tecnicolor**. São Paulo: Universal, p1999 (original: p 1970), 1 CD, faixa 10. [Também em **Sivuca – Seleção de Ouro – 20 Sucessos**. Guarulhos (SP): EMI, s/d, 1 CD, faixa 05; gravação de 1974, pela Copacabana]

VALE, João do; CANDIDO, José. Carcará. Intérprete: Edu Lobo. In: Diversos. **João Batista do Vale**. Barueri (SP): RCA/BMG, s/d, 1 CD, faixa 04.

VELOSO, Caetano. Um dia. Intérpretes: Caetano Veloso e Gal Costa. In: _____. **Domingo**. Rio de Janeiro: Philips, p1967, 1 disco sonoro, lado A, faixa 04.

VENÂNCIO; CORUMBÁ; GUIMARÃES, J. Último Pau-de-Arara. Intérprete: Fagner. In: FAGNER e BELCHIOR. **O melhor de 2**. São Paulo: Universal, p2000, 2 CDs, CD 1, faixa 13 (gravado de 1973 em seu LP de estréia: *Manera Fru Fru, Manera*).

VIANNA, Herbert; RIBEIRO, Bi; BARONE, João. Alagados. Intérprete: Paralamas do Sucesso. In: PARALAMAS DO SUCESSO. **Selvagem?** Guarulhos (SP): EMI, p1986, 1 disco sonoro, lado A, faixa 01. Há outra gravação integrante do LP *D* (Guarulhos: EMI, p1987, 1 disco sonoro, Lado A, faixa 2), do mesmo grupo, gravado ao vivo em Montreux em 1987.

VIANNA, Herbert. O Rio Severino. Intérprete: Paralamas do Sucesso. In: PARALAMAS DO SUCESSO. **Severino**. Guarulhos (SP): EMI, s/d, 1 CD, faixa 09.

ZÉDANTAS. Acauã. Intérprete: Luiz Gonzaga. In: Luiz Gonzaga. **50 anos de chão**. São Paulo: RCA/BMG, p.1988, 3 CDs, CD 1, faixa 03.